



Memórias da FABICO 40 Anos

As histórias analógicas e digitais de Gabriel Pillar

Alex Primo

A Fabico é feita de histórias. E cada uma delas tem seus personagens marcantes. Que seria deste percurso de 40 anos se não houvesse quem nos conduzisse por terrenos tão incertos? O acadêmico Gabriel Pillar foi um desses personagens que deixou marcas na faculdade e em tantos de nós que conviveram com ele. E com ele aprendemos a entrar na cibercultura, pelas mãos de um criativo e ousado blogueiro — sendo esta apenas uma entre tantas funções que desempenhava com brilhantismo.

Enquanto se tentava compreender o papel dos blogs na mídia e na sociedade, Gabriel criou uma das primeiras comunidades da blogosfera: o [Insanus](#). Sob sua liderança, um grupo de estudantes da Fabico, acompanhados por outros amigos, inventaram um espaço de debates e provocações. Embalados pela ousadia de quem desbrava um campo ainda pouco conhecido, a qualidade dos textos não apenas atraiu a atenção nacional quanto projetou diversos talentos como Daniel Galera, Carol Bensimon, Marcelo Träsel, Eduardo Menezes, entre outros.

O sorriso largo de Gabriel, seu jeito carinhoso e a agitação criativa de quem suspeita estar fazendo história cativavam quem estava à sua volta. Mesmo nunca tendo sido seu professor, eu e ele conversávamos muito. Como pesquisador, me interessei pelo portal Insanus, sobre o qual escrevi alguns artigos. Mais tarde, Gabriel me honrou com o convite para ser o orientador de sua monografia. Durante nossas reuniões, lembro de Gabriel atender ligações de Mariza, sua mãe (identificadas por um ringtone único em seu celular), e falar sobre o almoço que tinham combinado. Chamava-me a atenção o carinho de sua conversa, pois muitos de sua geração pareciam não ter tempo para seus pais. Logo depois, Gabriel me informava com orgulho que seu pai Valério estava lhe ajudando com estatísticas avançadas. Pois para alguns poderia parecer que aquele menino rebelde era um rapaz de família!

A banca de monografia de Gabriel foi simbólica. Seu grande amigo Marcelo Träsel, meu orientando de mestrado, discutiu o trabalho, apontou as qualidades do texto e não deixou de registrar suas sugestões. A sessão, acompanhada por uma

plateia silenciosa e por seus pais, não pode contar com a presença de Gabriel. Um acidente poucos dias antes (4/12/2006) havia levado Gabriel de nós e da Fabico.

Se hoje fizermos uma busca por “Gabriel Pillar” no Google, encontraremos um volume de páginas dele e sobre ele. O Insanus ainda recebe mais de mil visitas diárias. Seu orkut, seu Flickr e outras registros digitais permanecem encantando o ciberespaço. E, analogicamente, as marcas de Gabriel em nós e na Fabico nos motivam a seguir criando, inventando e provocando.

Se você não conheceu Gabriel Pillar ou quer relembrar um pouco de sua arte, veja a entrevista a seguir e baixe o livro que seus pais e amigos publicaram [na rede](#).

Entrevista com Gabriel Pillar



Gabriel Pillar tem 22 anos, está no 8º semestre de Jornalismo na FABICO e é dono da famosa comunidade de blogs gaúcha www.insanus.org. O Insanus reúne blogueiros e blogs dos mais variados tipos e tem mais de 500 mil acessos por mês. Gabriel respondeu a algumas perguntas ao grupo que estão registradas aqui. Você pode conferir o blog do Gabriel em www.insanus.org/vertigo.

Seminário de Tecnologia e Comunicação: Como surgiu a idéia do Insanus?

Gabriel Pillar: O Insanus, como muita coisa na FABICO, nasceu numa mesa de bar. É inegável dizer isso. O Insanus como ele é hoje, um portal de blogs, surgiu de uma conversa minha com o Bruno Galera, que na época tava insatisfeito com o site dele. Eu também tinha um blog no mesmo domínio que ele e daí a gente resolveu criar o site.

STC: Como foram definidos os colaboradores?

GP: O Insanus sempre foi uma coisa de amigos. Todo mundo entrou lá porque me conhecia ou conhecia alguém que me conhecia e já tava lá dentro. Estas pessoas falavam: “ah, tem uma pessoa legal que tá querendo fazer um blog.” As pessoas precisam ser nossas conhecidas pra ter um blog no site. Tem os comentários nos blogs pras pessoas que queiram participar, mas a gente não aceita pedidos de entrada de pessoas aleatórias que queiram ter um blog. É uma comunidade fechada.

STC: Qual é o objetivo principal do site?

GP: Blogs não têm muito objetivo. Acho que cada um tem seus próprios objetivos ali dentro, de publicar suas coisas, de escrever. O Insanus não tem um objetivo central.

STC: Tu imaginaste que o portal faria tanto sucesso?

GP: Com certeza. Desde o início as pessoas que a gente chamou pra participar já tinham blogs que eram super acessados, já tinham um “nome”, digamos assim. E isso com certeza impulsionou o site. Com certeza a gente tinha pretensões, não foi ao acaso.

STC: Tu achas que o fato de escritores famosos como o Cardoso e o Daniel Galera terem participado do projeto fez o Insanus se tornar famoso?

GP: Com certeza. Deu ainda mais visibilidades pra eles e começou a dar uma visibilidade boa pro nome Insanus. Um fato interessante é que quando eles entraram deram bastante acessos pro site e quando eles saíram não teve nenhuma queda nesse aspecto. Ou seja, os acessos ficaram e se espalharam pelos outros blogs.

STC: Todos os "blogueiros" do Insanus são jornalistas e/ou escritores?

GP: Não. Temos publicitários, temos uma cartunista, temos filósofos. Temos de tudo, mas todo mundo com um pé na comunicação.

STC: Os blogs do portal em geral falam sobre o quê?

GP: Ah, daí tu vai ter de tudo. Desde blog pessoal, até blogs temáticos sobre política ou culinária. Ou o Parada (www.insanus.org/parada) que vai falar mais sobre fotografia ou a Vanessa (www.insanus.org/sinye) que tá falando sobre a vida dela na Itália. É super variado.

STC: Tu escreve mais sobre qual assunto no teu blog?



GP: Eu não escrevo muito (risos). Faz muito tempo que eu tô sem escrever. Ontem até fiz um post. Mas é super genérico. Eu falo sobre fotografia, posto alguns textos meus publicados ou que poderiam ser publicados e acabam indo pro blog. Acaba sendo super pessoal mesmo.

STC: Tu achas que a FABICO foi importante no surgimento do Insanus?

GP: Sim. Agora FABICO como FABICO/DACOM, sinuca, chinelagem e Tia Vilma. Esse grupo de pessoas é FABICO, se conheceu na FABICO, bebeu junto na FABICO. Então de certa forma é uma continuação de um grupo que se formou lá. O Insanus é uma extensão de um ciclo de amizades que se existiu lá e amigos de amigos de faculdades.

STC: O site recebe alguma ajuda externa ou de patrocinadores?

GP: Não. O site é mantido por mim. Todo o design, diagramação, tudo é feito por nós mesmos.

<http://photos1.blogger.com/blogger/5637/4088/1600/insanus.jpg>

<http://photos1.blogger.com/blogger/5637/4088/1600/insanus.jpg>

STC: O blog, na tua opinião, pode ser considerado um tipo de literatura?

GP: (risos) Esta é uma pergunta que circula desde os tempos de COL

(www.cardosonline.com.br/), se o blog é literatura. Essa aí tu vai ter que perguntar pro Daniel Galera (www.ranchocarne.org/blog/). Ele vai gostar de responder (risos). Assim ó, blog é meio. Eu sou partidário da idéia que blog pouco modifica a linguagem. Assim como fanzine é um meio.

<http://photos1.blogger.com/blogger/5637/4088/1600/insanus.jpg>

STC: Que rumos tu vê pro Insanus?

GP: O Insanus tá acabando. Vai acabar daqui 2 meses (risos).

STC: Tu te sentes feliz em ver o resultado do portal? Tu acha que acrescentou algo na tua vida?

GP: Olha, acrescentar alguma coisa... Acho que foi divertido. E sendo divertido qualquer coisa vale.



STC: O que tu acha dos sites não terem mais “barreiras”, tipo wikipedia, web 2.0.?

GP: Eu acho que isso é futuro. Isso aos poucos começa a migrar pra outros espaços, espaços reais, espaços urbanos. Quando tu começa a ter um cruzamento destes espaços, que é a rede, que é a internet, com o espaço físico e urbano tu passa a ter a possibilidade de criação aí também. Eu acho que tu tem um puta potencial democrático de modificação e criação dos espaços pela população. Não só a wikipedia mas os espaços urbanos. Isso é uma coisa que começa a engatinhar e começa a surgir projetos nessa área e eu acho que é muito interessante este tipo de iniciativa.

STC: Gostaria de deixar algum recado ou consideração final?

GP: Criem seus próprios blogs, criem suas comunidades. Assim como o Insanus veio depois do COL, que veio depois do exquisite (www.exquisite.com.br/), tem que vir

alguma coisa agora. A Insanus é transitória, como tudo na rede. A gente tá ficando meio que de saco cheio com essa história e tá buscando outras coisas na rede. Poderia estar na hora de outras pessoas chegarem. Eu acho que isso é uma falha. Poucos projetos coletivos existem hoje aqui na rede brasileira.

MEMÓRIAS ZEN

Profa. Ana Maria Dalla Zen¹

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação foi criada em 1970, pela incorporação do Departamento de Jornalismo, até então pertencente à ex-Faculdade de Filosofia, à Escola de Biblioteconomia que, por sua vez, fazia parte da Faculdade de Ciências Econômicas. De uma forma autoritária, ligaram-se assim duas áreas, a Informação e a Comunicação que, à época, formavam mundos completamente diferentes. Todavia, sem se que soubesse, a lei estava se antecipando à evolução das tecnologias digitais, que hoje impedem que uma, a Informação, viva sem a outra, a Comunicação.

Mas, em que pesem as diferenças iniciais, desde que a Unidade se instalou no prédio onde até hoje funciona, à rua Ramiro Barcelos 2705 (então Jacinto Gomes 540), vem sendo palco de uma trajetória que merecem ser lembrados nesse momento, em que comemora os seus 40 anos de vida acadêmica . A sua trajetória, nesses anos todos, serviu para a consolidação do espaço de destaque que hoje desfruta dentro da UFRGS. E, na condição de ator social dessa caminhada escolhi, dentre os inúmeros momentos que vivi na nossa Fabico, os episódios mais inusitados, insólitos e engraçados para relembrar. Sim, porque, numa festa de aniversário, só se ressaltam os momentos alegres da aniversariante. Os tristes, estes permanecem em nosso baú de guardados, em silêncio, mas não menos importantes, nem esquecidos

A minha primeira lembrança, quando ainda era aluna do curso de História no também recém-criado IFCH, que permaneceu no prédio após o desmembramento da ex-Faculdade de Filosofia, foi a saída de lá do Jornalismo. Lembro como eu me sentia fascinada com a irreverência dos professores e dos alunos, sempre envolvidos com reivindicações políticas, e, acima de tudo, muita festa. Embora fossem os anos tristes da ditadura, eles conseguiam dar o seu recado. Então, logo que se mudaram para o prédio da

Gráfica, ainda nem concluído, criaram o tal de **SACO 70**, o Salão da Comunicação, realizado no andar térreo do prédio, reunindo trabalhos de alunos e professores da Faculdade. Era o máximo de contestação e de ousadia para uma época marcada pela censura, terrorismo, autoritarismo. Foi um verdadeiro furor, uma vanguarda universitária sem limites, que o Ricardo (Schneiders da Silva) e a Milena bem lembram pois foram seus organizadores.

Eu olhava de longe, meio desconfiada, aqueles loucos fazer e acontecer. Mas fingia que participava, aplaudia, achava o máximo. Então, eles lançaram o jornal **Três por Quatro**, que conseguiam vender nas esquinas.

Chegou o dia da minha formatura, dezembro de 1971, a primeira turma do curso de História do IFCH. Tínhamos que marcar presença com algum fato contestatório. Afinal, nos intitulávamos esquerdistas, embora fôssemos apenas a chamada “esquerda festiva”, que apoiava, mas não fazia muita coisa contra. O máximo que conseguimos foi convidar, ao invés de um professor como paraninfo, o S. Milton, porteiro da Faculdade. E nenhum dos nossos professores foi homenageado. Ele sim, que recolhia do lixo os carbonos das matrizes a álcool (não existia Xerox naquela época...) para que reutilizássemos para fazer os nossos “polígrafos”, que pintavam nossas mãos de roxo e fediam a álcool. Bendito Seu Milton, que morava no sótão do prédio da Filô e levava os alunos do interior a comer em sua casa aos domingos, quando fechava o RU (restaurante universitário). Se não fosse ele, muita gente teria passado fome então....

Com a Reforma Universitária, o sistema de ingresso na UFRGS mudou: os alunos que passassem no vestibular continuavam concorrendo por uma vaga durante um semestre numa coisa chamada Ciclo Básico. Só em julho sabiam, enfim, se estavam ou não dentro da Universidade. Entre as disciplinas, havia Estudo de Problemas Brasileiros. E eu fui convidada a ser “professora substituta” para a tal disciplina, que nada mais era do que Educação Moral e Cívica numa versão acadêmica. Lá me fui eu e... três meses depois, junto com o Jorge Nery e outros, estávamos fora. Afinal, não conseguíamos como professores de História, engolir e vomitar conteúdos pré-determinados, de louvação à

¹ Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e ex-Diretora da Unidade.

Transamazônica, à geopolítica do Brasil, à gloriosa revolução que salvara o País do comunismo.

Mas minha vida seria mesmo dentro da UFRGS. Para isso, logo depois ingressei no cargo de Técnica em Assuntos Educacionais. E, como não houve comparação entre os “bons antecedentes políticos” de um e de outro cargo, entrei. Comecei a trabalhar na implantação das atividades de extensão universitária, criadas pelo decreto da Reforma Universitária (Lei 5.580, de novembro de 1968, repetida tantas vezes que sei de cor e salteado todo o seu teor, até hoje), junto com o Prof. Jairo Peres Figueiredo. Fiz da extensão a maior referência para a minha trajetória acadêmica, sendo sua militante até hoje, depois de ter escrito uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado sobre o assunto.

Como eu vim parar na Fabico? O currículo de Biblioteconomia incluía Metodologia da Pesquisa, e lá vim eu, fazendo a troca do cargo pelo de professora. Naquela época, isso era possível, mediante solicitação do departamento. Era o ano de1982 !

Passei então a integrar a comunidade fabicana, que muito me honra e orgulha. Conheci pessoas ótimas, fiz muitas amizades. Entrei para o mundo das bibliotecas, da televisão, dos jornais e do rádio. Convivi com a transformação da Biblioteconomia em Ciência da Informação e de sua integração com a Comunicação, a partir das perspectivas abertas pela denominada Sociedade da Informação.

Lembro do Joaquim da Fonseca fazendo a composição gráfica manual, letra por letra, para compor o tal fotolito, fosse para cartazes, folhetos, jornais. Tudo era assim, feito à base de composição gráfica manual, letra por letra (as famosas “letras-set”), cola, fotografia, fotolitos, etc. Para fazer um jornal, ou um simples cartaz, era necessário um prazo de no mínimo uma semana entre a criação e a impressão . E da criação do Núcleo de Fotografia, no lugar de um antigo banheiro.

A Biblioteconomia, sob coordenação da profa. Ivete Duro, passou a participar da Feira do Livro da Praça da Alfândega. Aos poucos, foi toda a Fabico prá lá, nascendo o *Projeto FABICO na Feira do Livro*. Era 1984 e lá se foram os alunos de Biblioteconomia para fazer a Hora do Conto, para oferecer informações sobre a localização dos livros

através da Central de Informações (cujo catálogo era em micro-fichas, mas, como ninguém conhecia muito computador, os frequentadores olhavam com o maior respeito, achando que a leitora de micro-fichas, era um computador. E ninguém desmentia). Os alunos de Relações Públicas inventaram que deveria ser criado um programa diário de atividades culturais dentro da Feira, e a Universidade montou um tal Palco de Eventos. Imaginem só! Levar bandas, corais, grupos de dança para dentro da praça! E o barulho que isso ia fazer? Os livreiros ficaram furiosos, muitos tentaram impedir. No primeiro e segundo anos, foi um auê! Só que, nas edições seguintes, foi contratada uma empresa de organização de eventos.

O Joaquim Fonseca editava o Mapa da Feira do Livro, idéia dos alunos da Biblioteconomia, com a localização das estantes. Só que, como o folheto era dobrado em quatro, sobrou um espaço. Convidei então o Carlos Urbim, ex-fabicano e querido amigo, a preencher aquele espaço com algo relativo à Biblioteconomia. Nasceu assim “*A tracinha Biblió*”, cujo sucesso foi tão grande que, de um conto curto, com apenas uma lauda, se converteu numa peça teatral. Os alunos do Jornalismo liderados pelo Caíque (Carlos Henrique Severo, Marie Bordas, Fernando Schmidt, Necchi dos Santos, Eduardo Sterzi, Verônica Stigger, Alexandre Rocha da Silva, criaram a *Folha da Feira*. Mais uma idéia que deu certo, e foi encampada pela Câmara. Era um grupo que “vestia a camiseta”, criada também pelo Joaquim Fonseca, usada por todo aquele bando de professores, alunos e funcionários.

Um mural, denominado “*Encontros & Desencontros*”, junto ao Bar Nota 7, permitia que se deixassem “recadinhas”, à semelhança das festas religiosas do interior. E assim a Fabico transformara a Feira do Livro, de um espaço para aquisição de livros mais em conta, num lugar de aconchego, em que todo mundo ia para se encontrar e ser encontrado, regado com muita alegria e cerveja. A iniciativa cresceu tanto que provocou a criação do Programa UFRGS na Feira do Livro, só que sob coordenação da Pró-Reitoria de Extensão, Biblioteca Central, Rádio da Universidade e a Editora.

Outro fato que me marcou, dentro da FABICO, foi a criação, do grupo de teatro, o *Tá, e daí?* Por iniciativa do Aníbal Bendati e do Ricardo, dirigido por um aluno, o Guto Greco (que lá do céu está nos olhando, com aquele sorriso doce na ponta dos lábios), que pintou e rolou. Em dois anos de existência, criaram e montaram três espetáculos: *Marli*

Mocréia, a *Nau dos Insensatos*, *Os Filhos da Mãe Gentil*. Evidentemente que, como bons trabalhos fabicanos, os três foram premiados em concursos de teatro universitário realizados em Porto Alegre e em São Paulo. Mas, com a morte do Guto, morreu a paixão e o grupo desapareceu.

Ano de 1992. Eis que chegaram as tecnologias digitais. E o Geraldo Canali se apaixonou pelo CD, uma mídia revolucionária que, segundo ele, iria permanecer por muito tempo. Gastando um monte de grana, produziu com seus alunos o cd “*TV Piratini, os Anos Heróicos*”, contando como se fazia televisão ao vivo, numa época em que não havia vídeo-tape, em que a Hebe Camargo tinha vinte anos e era cantora, que as propagandas ao vivo provocavam verdadeiros desastres nos cenários.... Acredito que até hoje permaneçam contas em aberto daquela empreitada. Mas foi um sucesso, que serviu para colocar a Fabico no mundo digital.



Lançamento da “*TV Piratini – Os Anos Heróicos*”

LECIONANDO NA FAMECOS E FABICO

1

Aníbal Carlos Bendati

Em outubro de 1974, saí da Empresa Jornalística Caldas Junior e comecei a lecionar Diagramação na FAMECOS/PUCRS, a convite do Antonio Gonzalez. Naquela época, comecei como técnico, pois não tinha nível universitário, mas mais adiante o Antoninho (como era mais conhecido o Gonzalez), me convidou a fazer um curso superior, pois não podia continuar como técnico...

Ante esse dilema, fiquei na dúvida: que curso fazer? Jornalismo? Apesar de óbvio, não era compatível, pois teria que ter meus próprios alunos como colegas. Sociologia? Era interessante, mas... E História? Pareceu-me o mais certo, pois eu tinha bastante conhecimento, já que em Buenos Aires, na década de 50, havia feito o curso de Rádio e Teleteatro, no **ISER** (Instituto Superior de Enseñanza Radiofónica), que me deixou com um bom conhecimento de história mundial. Então, comecei a estudar, inicialmente na UNISINOS e a partir do terceiro semestre, já na PUCRS, onde me formei em 1982.

Lá na FAMECOS, continuei então como professor universitário até outubro de 1989. Nessa época decidi me dedicar somente ao curso da FABICO, onde tinha começado a trabalhar logo que conclui a graduação de História, já no primeiro semestre de 1982 e onde lecionei até fim de 1992, quando me aposentei.

As primeiras aulas que eu dei foram muito interessantes, pois eu estava aprendendo a ser professor e eles (os alunos) estavam aprendendo a enfrentar um castelhano falando um fluente portunhol. As frases misturavam um pouco de gíria, alguns palavrões (que eles achavam bacana), mas a principal questão que os alunos sofriam era com os problemas **matemáticos**. Na verdade não eram tão matemáticos assim, eram simplesmente **aritméticos**, pois a diagramação naquela época exigia alguns cálculos. Os jornais ainda trabalhavam com a tipografia, pois a computação estava recém dando os primeiros passos.

Os alunos sempre diziam: “Está chegando o Bendati com sua matemática...”

E eu falava: “é fácil pessoal, é só calcular os textos baseados na tabela de conversão, vocês sabem que a lauda tem que ter 60 toques em cada linha e 20 linhas por lauda. Cada linha então corresponde na tabela da seguinte maneira: Se o texto vai ser composto em corpo 7 cada linha vai dar 0,5 cm, se for composto em corpo 6 vai dar 5,4 cm, em corpo 10 vai dar 6,3 cm, em corpo 12 vai dar 7 cm, portanto pessoal, e só fazer as contas, fácil não acham?”

Muitos olhavam meio desesperados, outros um pouco menos. Para facilitar eu dava então um exemplo: “Se vocês vão tomar um cafezinho no boteco, são uma turma de dez, e o cafezinho custa 50 centavos, quanto vocês tem que pagar?” Alguns respondiam rapidamente “5 pilas”, outros demoravam um pouco mais, porém também acertavam.

Então, eu dizia: “O mesmo acontece na composição, pois se vocês têm 10 linhas e querem compor em corpo 7, cada linha vai dar 0,5 cm, portanto, a composição vai do texto vai dar 5 cm. Certo? Fácil... Não é um bicho de sete cabeças, pois com uma só cabeça vocês resolvem o problema... Tudo é questão de prestar um pouco de atenção... Então vamos trabalhar, meus futuros artistas plásticos...”

Alguns alunos ficavam muito sem jeito, já que diziam que não dominavam a matemática e que por isso mesmo estavam fazendo jornalismo. E eu muito calmamente, em um bom portunhol: “Faz uma semana, um colega editor me perguntou *si* tinha *algum* aluno competente, para fazer um estágio em economia, claro que para isso teria que ter um bom domínio de matemática...” Muitos dos distintos entravam em pânico, ao confessar sua ignorância. Porém, com o tempo até que conseguiam ter um desempenho bastante razoável.

Claro que muitos conseguiram, mal e porcamente, acabar o semestre de forma rasteira, porém, alguns o fizeram com muita categoria e hoje trabalham em diversos jornais no estado e noutros veículos, alguns desempenhando cargos de chefia e até ficamos grandes amigos, como Luiz Adolfo na Zero Hora e Leo Tavechanski, no Globo do Rio de Janeiro.

Sempre na vida a gente fica “vivendo e aprendendo”, assim como no relacionamento com as pessoas, familiares, amigos, colegas e na faculdade, com os jovens.

Posso dizer que a atividade na universidade foi muito interessante, pois tive oportunidade de levar meus conhecimentos na área do jornalismo gráfico a muitos jovens e competentes profissionais, o que me gratificou muito.

E eu tive a satisfação de que vários deles estão sendo bons e competentes diagramadores. Vejo seus trabalhos em veículos de todo o País, tocando as páginas com muita categoria.



Bendati recebendo prêmio da ARI

¹ Anibal Carlos Bendati nasceu em Bragado, Argentina, em 11/09/1930 e faleceu em Porto Alegre em 15/08/2009. Foi jornalista, diagramador e chargista, tendo atuado em diversos jornais em Porto Alegre e como professor na PUCRS e UFRGS. Teve uma importante

contribuição para o jornalismo gráfico no Rio Grande do Sul e para a formação de novos profissionais nessa área. Este texto foi escrito em abril de 2005, quando ele iniciou o registro de algumas memórias, projeto de um livro que não foi concluído. Foi casado com a também jornalista e professora Iára de Almeida Bendati.

UM REPETENTE NA FABICO

Carlos Urbim

Sou do tempo em que o Curso de Jornalismo era o primo pobre da Faculdade de Filosofia, grudada no prédio da Reitoria. A URGs ainda não tinha F federal, o curso durava três anos, as aulas funcionavam nas salas com menos janelas da velha Filô. Entrei em 1967, deveria sair no final de 1969, sem a reforma ocorrida no ano seguinte. Mas, pela primeira vez na vida, rodei. Tive que repetir a disciplina de História do Brasil, cuja professora era a célebre e competentíssima Helga Piccolo. Portanto, este depoimento é uma humilde homenagem à Helga, a mais exigente mestra que a trajetória acadêmica me ofereceu.

Já trabalhava como estagiário, na Rádio da Universidade e no Diário de Notícias. Uma carga horária danada, para pagar o bandeirão do RU, a mensalidade da pensão barata em que morava e, se sobrasse algum, pegar um cineminha sábado à noite. Faltava tempo para a bibliografia e os trabalhos de História. Era o que eu, abobadamente, alegava. Por isso, na primeira vez não atingi o nível exigido pela Helga. Resultado: avaliação negativa. Repetente.

Como castigo, o semestre de agosto a dezembro na nova faculdade criada, no prédio barulhento da Jacinto Gomes onde funcionava a gráfica. Bem feito! De março a julho de 1970 amarguei a humilhação de esperar, pois, pelo calendário recém-inaugurado, História do Brasil só no segundo semestre. Nesse meio tempo, aconteceu o que a gente viu estupefato: pegaram o Jornalismo da Filosofia e juntaram com a Biblioteconomia, outro curso extraviado, que nem o meu, mas que estava ligado ao complexo da Faculdade de Economia & Administração. Acho que até hoje ninguém explica isso direito.

A partir de 1970, o antigo Jornalismo virou Comunicação Social, com quatro anos de duração, um monte de disciplinas novas (a maior parte de matérias teóricas, que para mim eram tão estranhas quanto Grego ou Trigonometria, pois a prática mesmo a gente adquiria no batente e nos botecos). E a turma que um dia trabalharia em rádio, jornal ou TV passou a conviver com os futuros bibliotecários. Para resumir o relato, estudei

Brasil (no auge da ditadura militar!) com o interesse necessário para Helga Piccolo, surpresa, me aprovar. Peguei o canudo com o pessoal que se formou em 1971.

Passar pelos corredores estreitos da Filosofia significou me tornar amigo para sempre de pessoas maravilhosas, até hoje mantemos vínculos afetivos. Nossa lista de chamada contém nomes de alguns dos mais expressivos profissionais da imprensa rio-grandense. Trabalhar na Rádio da Universidade proporcionou conhecer Ana Maria Dalla Zen, que trabalhava na Pró-Reitoria de Extensão. Um dia, Ana e eu conversamos. Ela se tornou madrinha da Biblió, bibliotecária diplomada na Fabico, protagonista do meu livro “Uma graça de traça”, sobre uma simpática devoradora de papéis, mas que adora livros, principalmente os infantis. E História do Brasil.

Uma Fada No Coração

Carlos Urbim (*)

Já que as bibliotecárias têm uma fada no coração, vale inventar uma história.

Era a Biblió, uma gracinha de traça. Morava numa estante de livros infantis de uma velha escola. Não tinha cartão-ponto nem salário, mas desde mocinha trabalhava naquela estante. Uma vez, lembrou os primeiros tempos:

— Adoro livros! Desde que me conheço por gente, vivo devorando livros. Aprendi a ler quando acabei de comer um dicionário bem antigo, em dois volumes.

Biblió não era nenhuma santinha. Era traça. Precisou engolir metade da coleção completa de clássicos para, enfim, entender: livro traçado já era! Desse dia em diante, fascinada pelas cores, nuvens e sonhos dos livros infantis, só se regalava com os chatos de outras estantes — compêndios, tomos, relatórios e vademecuns em geral.

Foi então que aconteceu.

A Bela Fada, protetora de todos os escritores que escrevem para crianças, desencantou a traça Biblió. Na verdade, a bichinha era a Princesa condenada pela Bruxa Analfabeta a acabar com os livros.

Princesa liberada, antes de casar com o filho do Rei, fez o vestibular da época. Passou. Se formou como especialista, de nível superior, no cuidado dos livros. Mesmo grávida do primeiro príncipezinho, coordenou a equipe da Biblioteca Real. Depois, organizou, catalogou, indexou todos os livros do reino. Mais tarde, a monarquia acabou, o castelo virou museu.

Mas isso foi há muito tempo. A Princesa nem chegou a ver a Velha República, que dirá a Nova. A Fada, no entanto, sobrevive. Hoje ela mora no coração das bibliotecárias que trabalham com crianças. É por isso que, como a traça Biblió, elas se desmancham de carinhos e cuidados com os livros para criança ler.

(*) autor de Um Guri Daltônico, Patropi, a Pandorguinha e Dinossauro Birutices

A nota C que me revelou

Cláudia Müller

Falar de uma pessoa em particular no período em que cursei Jornalismo na Ufrgs é um tanto difícil.

Naquela época em que pulsavam os movimentos rebelde-festivos como a Libelu (Liberdade e Luta), entrei na Fabico após passar por uma experiência de um ano na Unisinos fazendo Geologia. Então tinha mais que 17 anos, ao contrário dos meus colegas, porém o idealismo era tanto ou maior que o deles. A primeira impressão que tive fugiu dos meus padrões burgueses de guria criada no Menino Deus. O bar, que ficava à esquerda de quem entrava no prédio pela Jacinto Gomes, era tomado de criaturas bizarras com tatuagens, *piercings* e se beijando na boca, selinhos, que demonstravam toda uma idéia liberal que parecia ter que fazer parte inevitavelmente do *ser jornalista*.

Para quem como eu tem sangue alemão e hábitos um tanto rígidos, apesar dos 20 anos, foi um choque. Mas, ao mesmo tempo, era tudo o que eu pensava em termos de liberdade, de modo de viver e de fazer parte de uma intelectualidade e vivências que para a época eram um tanto contestadas pelos pais da nossa geração Coca-Cola. E dessa primeira impressão fui passando à análise dos demais personagens que por quatro anos e meio fariam de mim uma pessoa a ser moldada para a vivência das redações de Porto Alegre.

É claro que aos poucos todos foram ficando tão normais e familiares que já nem me espantava com alguns espécimes presentes nas reuniões do diretório (Dabico), no terceiro andar, no canto direito de quem saía do elevador, onde hoje não sei o que existe.

Ah, ali onde tudo era contestado, desde a administração, funcionários e principalmente alguns professores, fui descobrindo que nem todos eram ruins. Vários inclusive serviram de inspiração, o que não é tão fácil num local onde absolutamente tudo e todos eram questionados por que afinal de contas, nós apesar de estudantes, com tão pouca idade éramos os “donos da verdade”.

Uma das minhas maiores descobertas foi em uma área na qual jamais pensei em atuar, pois nunca tive a percepção visual muito apurada, a Diagramação, aquela tarefa de desenhar o jornal, definindo onde colocar fotos e textos de forma harmônica e atrativa.

Esta foi uma cadeira em que precisei me esforçar ao máximo, pois o professor era a meu ver, uma figura muito querida, porém exigia algo que eu achava estar fazendo, mas que ele, com toda sua competência e capricho sempre criticava.

Evidentemente aqueles eram outros tempos na Diagramação, para início de conversa. Não havia as facilidades que temos hoje com o computador e programas elaboradíssimos que tornam a função de diagramar tão ao alcance de qualquer pessoa. E que em muitos casos os próprios editores fazem suas páginas, dispensando a criatividade, cuidado e técnica desenvolvidos pelos diagramadores, formados na faculdade e que se empenham em fazer com que as notícias nos chamem a atenção não só pelo conteúdo da manchete, como pela forma como é colocada em uma página.

Pois o professor Bendati, por mais carinhoso que fosse durante as aulas deu-me apenas uma nota C, no último semestre da minha faculdade, no ano de 1985 e fiquei eu muito desenhada. Questionando-o sobre a razão de tal disparate disse-me ele sem mais nem quê: dei-te C por que és muito ruim como diagramadora.

Barbaridade! Aquilo era algo com que nunca eu contara. Afinal, me achava tão esforçada, tão capaz e tão criativa, que receber a nota mínima para passar, e ser quase desmoralizada por um mestre que eu admirava tanto. Bah! Isso foi verdadeiramente dolorido pra mim. Ainda assim, o curso tinha que continuar, eu iria me formar no dia 03 de agosto. O Tancredo Neves estava naquela novela do morre-não-morre com o jornalista Antonio Brito aparecendo diariamente nas tvs, e eu internada no Jornal Zero Hora, onde trabalhava na Revisão, com um esquema de 12 horas de trabalho para 12 de descanso, portanto sem tempo nem pra me queixar de uma notinha.

Bem, mas para tudo existe sempre um dia após o outro e após quatro anos à frente da subchefia do setor de Revisão de ZH, na ala industrial do prédio na Av. Ipiranga, no subsolo, sem janelas e absolutamente insalubre, fui demitida. Após apenas um mês de muita procura encontrei a vaga que me deu a remissão frente ao meu

professor mais amado. Numa entrevista com o chefe da Diagramação do Jornal do Comércio, fui aceita. Era então a primeira mulher a trabalhar nesse setor daquele jornal.

Uau!!! E Agora, como eu iria fazer para dar conta de fazer a parte gráfica do caderno de cultura, chamado na época de Panorama, se não tinha tido experiência alguma com Diagramação, além da faculdade e dos puxões de orelha do Bendati.

Como sempre na vida, arrisquei-me a vôos nunca antes feitos e iniciei num inverno extremamente frio, na redação do Jornal do Comércio, numa mesa que era enorme e ficava exatamente no meio da sala, facilitando aos editores a entrega do material para que pudéssemos, munidos de lápis, caneta, borracha, calculadora e as páginas quadriculadas, dar uma cara às notícias do dia. Essa foi minha rotina durante um ano e meio, de 1986 até o final de 1987 quando, numa tarde em que estava eu absorta na criação de alguma das páginas daquele caderno de amenidades, bate-me no ombro justamente aquele *carrasco*, professor Bendati, que visitava o Jornal do Comércio por alguma razão que agora já nem lembro.

Faceirice seria o mínimo a dizer de mim com a visão do meu ídolo e imediatamente

após os cumprimentos eu parti pra cima dele com a seguinte frase: Viu só Bendati, me deste mísero C na Fabico, mas agora estou eu aqui, realizando um trabalho que meu chefe considera o melhor da equipe, que tens a dizer disso hein??

E ele magistralmente olhou minha página meio rabiscada, sobre a mesa, me olhou bem nos olhos com um sorriso maroto e uma expressão encantadora que só ele tinha e me disse: É. Melhoraste bastante desde aquela época..... Para quem conheceu essa figura querida que já nem está mais entre nós, sabe que aquele foi um tremendo elogio, que me deixou numa felicidade só, posto que depois, mesmo tendo feito uma incursão pela RBSTV Floripa como editora de texto, voltei a POA no ano de 1993 e vim a ser Diagramadora, novamente na Zero Hora.

Ao meu professor mais querido, e à faculdade que cursei por idealismo e sonho, deixo esta história, que ilustra algo que não tenho visto muito mais nos dias de hoje, a admiração por alguém que não só nos elogia e nos bajula.

Obrigada Anibal Bendati, por me proporcionar oportunidades inesquecíveis na vida.



Bendati – com material de diagramação

UM SHOW DE FORMATURA

Eduardo Tavares

Duzentos e cinquenta e sete reais e sete centavos, este é o salário de um professor da UFRGS com contrato de vinte horas de trabalho - bradava na tribuna, com o contracheque na mão, Carlos Gerbase, o paraninfo da turma da Comunicação na formatura de 1996. A seguir, anunciou, publicamente, a sua demissão. Podia ser uma cena de um filme seu, mas era a mais pura realidade que se apresentava a uma plateia que lotava o Salão de Atos da UFRGS no dia 12 de outubro de 1996, por acaso, o dia da criança.

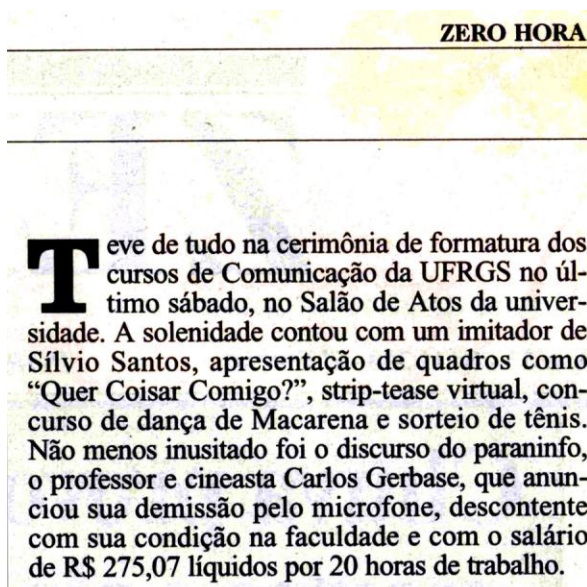
Foi apenas uma das cenas de uma formatura que entrou para a história da UFRGS. Turminha criativa aquela dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Não se preocupou muito com convite fresco, pompa e circunstância. Transformaram o que seria mais uma enfadonha, previsível e choraminguenta cerimônia de colação de grau num divertido espetáculo.

Com formato de show televisivo, o ator Jorge André ancorava o espetáculo personificando Silvio Santos. Maravilhoso, não deixou a peteca cair, como costuma fazer o velho SS. Também, com o elenco e o script que dispunha, foi moleza. Na esteira do paraninfo houve manifestação contra o racismo na Universidade e homenagem ao cantor Renato Russo, falecido na véspera. No quadro “Namoro na TV”, João Pedro e Simone, colegas de turma e apaixonados de longa data, anunciaram seu noivado. De fato e de direito.

O show, digo, formatura, durou mais de três horas e o auditório permaneceu lotado, com uma plateia participativa que se deliciava com o espetáculo. Era criança soltando balão, vovó chorando de rir e pais estarecidos com quadros como “Quer coisar comigo?”, “Strip-tease-virtual” e “Sorteio de tênis”. O ápice aconteceu quando as lindas formandas brindaram o público com um concurso de dança da Macarena. O público só ficou um pouco desconcertado quando uma formanda foi cumprimentar um professor homenageado e ele tascou um beijão na boca da moça. Não sabiam que eram namorados (e estão casados até hoje).

Obviamente, a coisa se tornou pública e notória e, no dia seguinte, teve até nota no Informe Especial da Zero Hora. A reitora, ausente na cerimônia, imediatamente, baixou um decreto proibindo formaturas com formato semelhante. Se tivesse participado do show teria desopilado o fígado e ia acabar correndo prá galera. Não é mesmo, Lombardi?

Eduardo Tavares (ex-professor...homenageado)



Nota sobre a formatura



Dança da Macarena

Uma passagem valiosa pela FABICO

Ferraz Jr.

Era um 13 de abril. Ano, 1983. Início de tarde. A cidade respirava um clima de liberdade, de poder se falar tudo o que tinha vontade e que estava preso na garganta, na mente, no coração durante anos. Estava um frio típico de outono e isso não nos intimidava. Na hora marcada, pouco depois das 14 horas, começamos a nos reunir em frente à FABICO. Éramos uns poucos “malucos”, talvez 20, talvez 30. Não me lembro. Mas éramos suficientes para erguermos a bandeira brasileira e sairmos pelas ruas em direção à Redenção, João Pessoa, Salgado Filho, com destino à Esquina Democrática. Bradávamos, como heróicos revolucionários, o hino brasileiro e palavras de ordem exigindo Diretas Já.

Mal podia eu imaginar que estaria ali, logo eu. Um paraibano nato, pernambucano de formação, que traz no DNA a herança de uma gente guerreira, que historicamente luta pela democracia, por direitos sociais. Logo eu, sobrinho de uma tia comunista que viu seu marido ser preso e torturado nos porões da Ditadura Militar, nas prisões que hoje ornaram o belíssimo cenário colonial português recifense ironicamente como Casa da Cultura. Logo eu, que senti de perto o horror dos tempos negros mais recentes neste País.

Logo eu, estaria ali, do outro lado do País naquele exato momento, no meio da turma da FABICO, gritando e extravasando uma espécie de indignação pela história acumulada. No meio de uma gente gaúcha que também historicamente carrega nas veias o sangue descendente de um inconformismo, uma insatisfação.

Senti-me em casa no meio daquela turba que arregimentou cidadãos ao longo do percurso da FABICO à Esquina Democrática. Estudantes, aposentados, donas de casa que timidamente saíam à janela para ver que barulho era aquele e que, de imediato, aderiam à passeata. Lembro dos andaimes em frente à Prefeitura de Porto Alegre. Subi nele e chorei com minha civilidade posta à prova, com o orgulho de perceber estar fazendo história. Ao lado, percebi colegas da FABICO. Tomamos conta dos andaimes.

E de cima, não consegui calcular a multidão uníssona lá embaixo. Falaram depois em 200 mil cidadãos. Pareciam 200 milhões, tão grande era aquele gesto.

O mais interessante é que a idéia da passeata surgiu no bar da FABICO, lá embaixo, à esquerda de quem entrava, entre a porta da faculdade e os elevadores (não sei se ainda lá está). Bebíamos, conversávamos e percebíamos que não poderíamos ficar de fora. A idéia não saiu de nenhuma sala de aula, de nenhum trabalho. Como “bons” alunos que éramos poderíamos ter aproveitado o evento para exercícios de jornalismo. Mas não. Decidimos que seríamos apenas cidadãos. E assim fomos, felizes da vida, com todo entusiasmo juvenil.

Como em Recife, onde o processo foi iniciado, foi na FABICO que minha consciência cidadã se consolidou. Discutíamos política, cultura, bebíamos, nos embriagávamos, fazíamos arroz de carreteiro aos domingos na casa do prof. Wallace onde discutíamos conceitos jornalísticos no uso da fotografia, nos debatíamos sobre as revelações feitas nos laboratórios. Um frio de rachar, mas o papo corria gostoso, regado a cerveja e Trigo Velho. Tudo novo, deliciosamente estranho para quem sempre teve como referência a cultura tropical do calor nordestino.

Foram dois anos de FABICO, mas um envolvimento tão intenso que até as chatíssimas aulas de taquigrafia aos sábados pela manhã, devo confessar, tinham lá seu charme.



Passeata pelas Diretas já!

Depoimento 40 anos FABICO

Flávio Antônio Camargo Porcello

Entrei para o jornalismo como curso dois, matriculado em algumas disciplinas, pois já cursava Direito desde 1972 na UFRGS. Em 1974 fiz novo vestibular. Terminei o Direito em 1976 e o jornalismo na **Fabico** em 1977.

Assim, em três linhas, resumo minha vida como aluno da UFRGS.

Mas se quiser abrir a caixa de lembranças e recordações daquele tempo posso escrever laudas e laudas porque são histórias inesquecíveis de um período maravilhoso da minha vida.

Digo, com convicção, que a **Fabico** mudou minha vida.

Desde 1972 estudava Direito, mas não era exatamente o que eu queria.

O ambiente era pesado naquele histórico prédio construído em 1900.

O regime militar controlava o País com uma feroz censura e a histórica Faculdade de Direito por onde haviam passado vultos inesquecíveis da história nacional como os ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart e pessoas honradas da minha família, como meu avô Vivaldino Camargo, aquele prédio na época em que estudei lá abrigava policiais infiltrados pelo DOPS vigiando a tudo e a todos. Lembro sempre os mal-encarados policiais a paisana de óculos escuros sentados ao fundo das salas atentos a qualquer observação que pudesse indicar subversão ou afronta ao regime. Decidi ingressar no curso de jornalismo depois de entrar pela primeira vez na redação de Zero Hora, ainda na rua Sete de Setembro, no início dos anos 70. Achei tudo muito agitado, colorido, sem rotina. Exatamente o oposto de todo o formalismo que caracteriza o Direito. E muito diferente daquele ambiente carregado das aulas do Direito.

Sem esquecer que na época vivíamos a repressão política imposta pela ditadura militar, a Fabico para mim parecia o paraíso, pois nela encontrei pessoas críticas, rebeldes, contestadoras e determinadas a resgatar a liberdade de imprensa no Brasil. E, além disso, pessoas decididas a serem felizes. Artistas, poetas, músicos, gente das artes, alegres, irreverentes, debochados e, acima de tudo, inteligentes. Imagino o trabalho que

teriam os espões das aulas do Direito se tivessem que relatar o que nós dizíamos nas aulas da Fabico.

Tenho muita saudade e orgulho dos meus colegas de aula. Éramos críticos, mas responsáveis, e, especialmente, muito sonhadores. Sonhávamos em recuperar a liberdade no país, poder expressar livremente as nossas idéias, escrever, cantar, dançar, fazer cinema e teatro. E, principalmente, jornalismo.

Como continuei cursando o Direito no turno da noite, eu resumiria assim: o Jornalismo para mim era o dia, bonito e ensolarado, e o Direito era a noite, escura e ameaçadora. Até porque, por exigência legal, os policiais precisavam ter curso de Direito para chegar a delegado de Polícia. Minha aula no Direito parecia a Academia de Polícia. Ainda bem, que meus colegas e eu fizemos uma turma muito boa, que conseguiu administrar a situação. Não fomos presos por eles (que viviam nos espionando) e ainda conseguimos nos formar. E o melhor somos amigos até hoje. Já os que nos espionavam por onde andarão?

Mas como a vida é feita de dias e noites, de sol e de lua, acabei fazendo simultaneamente os dois cursos e me formando nas duas faculdades. Só que durante toda a minha vida profissional exerci apenas a profissão de jornalista. Sou bacharel em Direito, tenho até registro na OAB RS, mas nunca exerci a advocacia. E sabe por quê? É que no jornalismo a justiça é muito mais rápida. Uma denúncia feita na Imprensa tem resultados muito mais imediatos do que as sentenças judiciais que levam anos e anos de tramitação até serem aplicadas na prática. Por isso optei em ser jornalista e não advogado. E a **Fabico** tem toda a responsabilidade por isso.

Em 1974 um colega, Roberto D'Azevedo, que já trabalhava como estagiário na Editoria de Esportes de Zero Hora me informou que havia estágio na redação. O convite foi na aula, de manhã. À tarde eu fui atrás da vaga e no mesmo dia já estava no Beira-Rio entrevistando jogadores do Inter.

Fui repórter setorista do Inter, que para sorte dos colorados e minha, que sou gremista, acabou consagrando-se bicampeão brasileiro em 75 e 76. O começo de carreira não poderia ser melhor. Viajei pelo Brasil e Exterior com o time do Inter e o difícil era cumprir os compromissos como aluno. Felizmente, todos os professores foram compreensivos e, trabalhando e estudando em dois cursos ao mesmo tempo,

consegui me formar. Trabalhei 30 anos como jornalista (nos jornais Zero Hora, Folha da Manhã, O Estado de São Paulo, O Globo e Gazeta Mercantil, nas TVs Pampa, SBT, RBS, Globo e TVE e no canal universitário UNITV de Porto Alegre, que ajudei a implantar em 1998).

Fui professor de jornalismo durante 13 anos na PUC RS, período em que fiz Mestrado e Doutorado em Comunicação Social. Em 2004 prestei concurso público e em 2005 voltei para a minha querida **Fabico**, como professor adjunto na área de Televisão.

Essa volta tem muito significado para mim. Sempre fui muito orgulhoso do curso de jornalismo que fiz na **Fabico**. Recebi grandes lições dos professores e dos meus colegas alunos. Fiz amizades que duram uma vida inteira. Da **Fabico** só guardo boas recordações. As que não foram boas, sinceramente, eu já esqueci. Um exemplo: nossa turma recusou-se a participar de solenidade de formatura em 1977 por discordar das decisões da direção. Fomos na secretaria, recebemos o diploma, fizemos o juramento oficial e voltamos para o trabalho, já que todos trabalhávamos quando acabamos o curso.

Sou um fabicano muito feliz de poder estar convivendo com professores e alunos que hoje desfrutam das lições que a nossa velha e boa faculdade todos os dias nos ensina. E o melhor de tudo é que, quase 40 anos depois, eu continuo aprendendo. Quem é professor sabe: a gurizada não nos deixa envelhecer. E, eu que sempre fui meio rebelde (acho que a **Fabico** tem culpa nisso) adoro a rebeldia dos fabicanos de hoje. Aliás, a rebeldia dos fabicanos de sempre. Essa é uma marca nossa e que nos faz diferentes. Viva a **Fabico** e todas as lições que ela nos dá!



Entrada da Fabio



Jardim da Fabio

O ESTÚDIO DE TV E OS “PROJETOS ESPECIAIS” DA MINHA VIDA

Francisco Rodrigues Antunes

Minha dúvida começou lá no vestibular. Na época, estava entre Medicina, Ciências da Computação ou Publicidade. Acabei optando pela mais fácil de passar. Passados quatros semestres de Fabico, lá seguia ela – a dúvida – de mãos dadas comigo. Não sabia em que deveria me especializar. Não tinha a menor noção do mercado. Então, depois de ser rejeitado em uma agência porque eu dissera na entrevista que “gostaria de estagiar como *diretor de criação*” acabei ganhando uma bolsa da UFRGS para monitoria no estúdio de TV da Fabico.

E foi no estúdio de TV da Fabico onde descobri algumas das coisas mais importantes da minha vida. Ah, o estúdio de TV. Sempre lembro do lema do estúdio que o professor Kleber Ferreira, como aquela sua fisionomia de Tio Sam sem barba nem cabelo, martelava em nossas cabeças: “este é o único estúdio de TV de uma faculdade de comunicação onde os próprios alunos operam os equipamentos”. Era meia verdade, claro, visto que só os alunos *monitores* do estúdio podiam fazê-lo. Mas, à parte essa pequena exceção, o resto era mesmo verdade. A prova, gabava-se o professor Kleber com um brilho extra nos olhos azuis, eram os sucessivos prêmios no Gramado Cine Vídeo. Todo ano arrebatávamos algum prêmio, mesmo os equipamentos do estúdio não sendo os melhores na época.

Ah, o equipamentos. Na virada do milênio, a ilha de edição do estúdio era composta por duas ilhas Super VHS, mais um gerador de caracteres e uma mesa de efeitos – que para melhor qualidade das cópias finais era desconectada, já que causava uma pequena interferência no vídeo. Para as aulas de telejornalismo (as que eu menos gostava de editar, pois a professora chegava sempre em ponto para sua aula, quintas, às 7h30) tínhamos uma longa bancada em frente ao fundo azul onde, surpreendentemente, conseguíamos aplicar alguns fundos com a mesa de efeitos.

Para as saídas de câmera com grupos de alunos (essas sim eu achava bacana porque sempre tinha um lugar diferente para visitar), contávamos com duas câmeras VHS, utilizadas a maior parte do tempo, e uma câmera Super VHS. Esta era guardada a

sete chaves pelo Enrico Benites, o mais antigo dos monitores. Era utilizada somente nos “Projetos Especiais” – assim, entre aspas, porque tirando o fato de ser nome de uma disciplina de vídeo opcional, era o Enrico quem definia o que era considerado um “projeto especial” e conseqüentemente merecedor de ser gravado com aquela câmera. Por vezes gastávamos nossa lábia com ele em prol de uma qualidade de imagem um pouco melhor para nossos vídeos. Saudades do Enrico: implicávamos com seu jeitão de zelador do estúdio, até que um belo dia ele finalmente defendeu sua monografia e nos deixou – e todos lamentaram sua falta.

Ainda sem desejo de começar a cursar as inevitáveis disciplinas eletivas, nem com algum estágio à vista, ocupei-me em editar os vídeos do estúdio – meus e de todos os grupos da Fabico que recorriam a nós. Tudo o que meus colegas e eu fazíamos não passavam de grandes bobagens *trash* (talvez excetuando-se os vídeos daquela disciplina de telejornalismo às 7h30). Mas, o importante afinal era isso: estávamos sempre *fazendo* algo. E tomei gosto pela coisa.

Quando fui pedir estágio na maior produtora de filmes de Porto Alegre, levei embaixo do braço uma VHS com os meus “melhores” trabalhos (entre aspas porque era a minha concepção forjada a vídeos *trash* de “melhores”). Bem no dia em que cheguei na produtora, fui convidado para assistir a uma mostra de vídeos internos que estavam fazendo naquela hora. Com a cara dura de quem aprendeu a convencer o Enrico a liberar a Super VHS para fazer os meus “projetos especiais”, pedi para mostrar um dos meus curtas também. Assim, ao final da mostra de várias obras captadas em nobre 35mm (filme) e Hi-8 (o “primo rico” do Video8, este por si só melhor que o VHS), foi exibido uma VHS com um curta chamado *O Redondo*.

Com cerca de um minuto de duração e feito todo no portão de entrada da Fabico, era a história volta e meia contada nos corredores da faculdade (sempre alguém conhecia outro alguém que passou por isso), sobre o assaltante que te para numa rua deserta e pede pelo teu “redondo”. A vítima baixa as calças esperando o pior, enquanto tudo que o assaltante queria era o relógio... As reações do pessoal na produtora deram o selo de “cusparada-na-face-da-arte” que alguns curtas da Fabico recebiam na época, sempre revelado da seguinte forma: em meio a caretas e queixas pela baixa qualidade técnica do trabalho, *aplausos* e *gargalhadas*, veja só.

No dia seguinte estava estagiando lá. Daí em diante foi impressionante como o espírito adquirido no estúdio de TV da Fabico foi a ponte fundamental para me catapultar a uma vida profissional de verdade. Aquela força inicial do “puxa, então tu te formaste na UFRGS?” ia naturalmente esmaecendo à medida que me imiscuía no mercado de trabalho e me afastava do tempo de faculdade. Mas só aquele *desprendimento* de quem passou pelo estúdio de TV tem é que permanecia *intacto*. Tudo no trabalho parecia simples, tudo parecia fácil. Comigo não parecia ter tempo ruim – afinal, no tempo de faculdade já havia cobrado escanteio e cabeceado ao mesmo tempo *várias* vezes. Ao final de alguns meses, estava contratado como editor de vídeo. Enfim, descobrira algo em que *não tinha* dúvida: era nisso em que eu queria trabalhar.

Durante um bom tempo fiquei pensando como um vídeo como *O Redondo* poderia ter sido o pontapé inicial para a minha carreira como editor, que hoje é uma das coisas mais importantes para mim (já mencionei que era *eu* a vítima que abaixava as calças no vídeo?...). Cheguei a conclusão que as respostas estavam no lema do professor Kleber: ter tido a oportunidade de poder *fazer de tudo* no estúdio de TV foi mesmo uma experiência única. Similar ao mercado em que trabalho hoje, o mais importante na Fabico era fazer algo de uma vez ao invés de esperar para fazer algo com mais calma e cuidado – e *nunca* fazer. Sábio era o professor Kleber: era por isso, então, que mesmo com eventuais repreensões em relação à temática dos nossos vídeos, ele sempre esboçava um sorriso quando dávamos *play* na VHS para ele assistir os nossos “projetos especiais”.

Anos depois alcei o voo final na minha carreira. Vim morar em São Paulo para atender as maiores produtoras de filmes do País, onde estou até hoje. Desde então nunca mais estive naquele estúdio de TV. Soube, por exemplo, que quase todos os demais integrantes do *Redondo* não seguiram carreira. Um virou gerente de banco; outro professor. O professor Kleber, então, aposentou-se há tempos. E disseram-me que trocaram todos os equipamentos do estúdio por ilhas digitais. Que incorporaram a antiga sala 310, ampliando enormemente a área da ilha de edição. Acho tudo ótimo, mas não me interessa.

Tudo que espero é que o espírito do *fazer* ao invés de esperar-para-fazer tenha permanecido; que as novas câmeras e ilhas de edição continuem sendo utilizadas pelo alunos e não guardadas eternamente por segurança de patrimônio; que continuem, sim,

usurpando o nome da disciplina “Projetos Especiais” como meio de conseguir o melhor do estúdio para criar obras possíveis apenas no tempo de faculdade – e somente *naquela* faculdade. Que não morra a marca do estúdio, pois apesar de todos os problemas clássicos da uma faculdade pública – a falta de bolsas para os monitores; a pintura das paredes descascando – foi fundamental para alavancar a mim e a muitos outros ao universo profissional.

É, foi mesmo no estúdio de TV onde descobri algumas das coisas mais importantes da minha vida. E se chegaste até o final deste texto achando que estou falando apenas de carreira, te enganei bem. Porque, na verdade, foi no estúdio de TV onde conheci a então monitora Tanara de Araújo. E, desde aquela época até hoje, é ela quem faz parte dos “projetos especiais” da *minha* vida.



Equipe do Estúdio de TV

Que ridos e inolvidáveis estagiários¹

Iára de Almeida Bendati²

Nesta tarde bonita de outubro, envolvida pelo lilás dos jacarandás infestados de cochonilhas, mas nem por isso ausentes, só escrevendo posso dizer da falta que vocês – de corpo presente – me fazem. Na verdade, nunca dei muita razão ao Nelson Rodrigues, quando ele fala mal de estagiários. Sempre me coloquei, até, em defesa dos ditos, porque, há vinte anos, eu não passava de um, marginal e pobre integrante de um exército de reserva bem pouco numeroso (em termos jornalísticos) na época.

Tudo vem a propósito da famigerada **caixinha**³, que eu vinha fazendo, apesar dos pesares, e cuja responsabilidade passei a vocês, com todas as instruções. Ao fim da tarde, comecei a verificar o que precisava ser tirado e, a cada papelzinho, subia um pouco pelas paredes. Enquanto o Urbim⁴ esteve aqui, passei-lhe alguns para constatar das razões do meu desespero. Agora, às 18h30, eu fiquei sozinha e só me resta escrever-lhes. Como um desabafo.

Não é que eu queira ser caxias⁵, paparicar a diretora, o reitor, a ordem estabelecida, o que quiserem. O problema é **profissional**. Em termos mais modestos, até mesmo de domínio da língua falada, trivial, feijão com arroz. Há verbos como *ver*, *poder*, *assistir* – conjugados sempre no mesmo tempo, em construções absolutamente iguais, em textos um ao lado do outro. Há textos iguais colocados sem intervalo ou com apenas um ou dois espaços. Há rasuras absurdas, que o locutor não pode decifrar num correr de olhos. Há informações erradas, como uma “Secretaria da OEA nesta cidade”. Há textos de apenas uma frase – quando expliquei que sempre devemos fazer, no mínimo, dois períodos. Há textos com menos de quatro linhas, capengas, esqueléticas.

Trabalhando em rádio, precisamos conhecer o nosso meio, nossos recursos, os problemas que temos, como redatores, o do locutor, o do operador, e, o principal, os do ouvinte. Se estivermos fornecendo informações precárias – ou mal apresentadas ao locutor, se ele erra, o ouvinte não entende, o erro é nosso. E pode ser evitado. As minúcias fazem parte do nosso trabalho, do aperfeiçoamento que possamos chegar, que é o desafio diário do profissional. Não fazemos nada para nós – ou se o fizéssemos, seria diferente – fazemos para aqueles que escolhem o nosso canal. Daí a nossa responsabilidade, que não nos precisa ser imposta por lei, nem exigida por autoridade, mas assumida no momento em que escolhemos uma função social para atuar no convívio com os outros, neste complexo que se chama sociedade.

Acho que podemos melhorar a Rádio⁶, fazer coisas diferentes, encontrar novos caminhos. No entanto, a procura precisa ser iniciada, testada, experimentada, com esta língua que nos ensinaram e com a qual vivemos. Antes da revolução, porém, precisamos conhecer o terreno, os objetivos e dominar, de olhos fechados, a arma que o caolho do Camões deixou em nossas mãos.

Pensando em vocês com carinho (embora não acreditem), deixo o desafio (em termos amigáveis): reformular **todos** os textos da caixinha de forma adequada, sem rasuras ou erros datilográficos (não falando mais nos outros erros), a partir deste momento.

21.10.1976⁷



Iára Bendati e estagiários – à esquerda dela, Carlos Urbim

Notas

1 – Este texto foi resgatado de uma caixa de documentos, em meio a diversos jornais, livros e revistas pertencentes a Iára, neste ano de 2010. Datilografado em páginas de papel jornal, já naturalmente amareladas, a leitura permite reviver o estilo preciso e levemente irônico com que Iára fazia os programas na Rádio da Universidade. A publicação dos 40 anos da FABICO é a oportunidade perfeita para trazer essa reflexão sobre os seus estagiários, alunos da Faculdade.

2 – Iára de Almeida Bendati nasceu em 6 de fevereiro de 1933 em Porto Alegre e fez vestibular para jornalismo, curso que na época estava ligado à Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS). Formou-se em 1956, como a oradora da turma que teve como paraninfo o Prof. Salvador Bruno (professor de Técnica de Periódico). Em 1966 concluiu também o curso de

Ciências Sociais na UFRGS. Como jornalista, atuou nos Diários Associados, na área de ensino e política, até ser convidada a trabalhar no jornal Última Hora, em dezembro de 1959, como chefe do setor “Magistério e Estudantes”, onde ficou até o seu fechamento, em 1964. Como servidora pública estadual, foi uma das integrantes da comissão que implantou o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Foi também professora da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS, onde exerceu a coordenação de curso e funções acadêmicas, até sua aposentaria. Na UFRGS, Iára ingressou como Técnico em Comunicação Social da UFRGS em 1957, dedicando-se à produção de noticiários e programas culturais na Rádio da Universidade. Foi casada com o também jornalista e diagramador, Anibal Carlos Bendati. No livro “PUCRS 50 anos formando jornalistas”, organizado por Beatriz Dornelles (2002), tanto Iara quanto Anibal tem destacado o seu papel na imprensa do RS e sua contribuição para a formação de muitas gerações de jornalistas.

3 – A famigerada “caixinha” era efetivamente uma pequena caixa de madeira (no formato de meia folha A4), onde eram colocadas as notícias que seriam lidas pelo locutor nos intervalos da programação musical da Rádio da Universidade. As notícias eram principalmente relacionadas às atividades acadêmicas, de extensão e pesquisa das diversas áreas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e eram geradas pelo Departamento de Jornalismo da Rádio da Universidade, na época sob responsabilidade da Iára Bendati.

4. Carlos Urbim, jornalista e escritor, foi aluno de jornalismo da UFRGS e estagiário da Rádio da Universidade. Após formado, integrou-se ao quadro de servidores da Rádio, tendo sido também seu Diretor. Além do próprio Urbim, diversos alunos da FABICO da UFRGS foram estagiários de Iára na Rádio: Ricardo Schneiders da Silva, Maria Clara Jorge, Rodolfo Lucena, José Antônio Meira da Rocha, Liége Copstein, Luis Artur Ferrareto, Fatimarlei Lunardelli, entre outros. Esses nomes, naturalmente, não esgotam a relação de todos os ex-estagiários, que fizeram ou não a “caixinha” da Rádio da UFRGS...

5. Ser “caxias”, na gíria da época, significava ser metódico, cuidar dos detalhes, fazer pela ordem, de forma correta, ser estudioso.

6. Na época, a Rádio da Universidade tinha uma programação musical quase que essencialmente com música erudita intercalada com programas culturais e notícias da universidade. Esse modelo era objeto de frequente questionamento por parte dos estagiários, que ambicionavam programas mais contextualizados ao momento político e cultural da época (década de 70), como incluir música

popular brasileira, música latino-americana e produzir programas de conteúdo jornalístico mais amplo.

7. O texto foi escrito em 1976. Considerando o contexto – Iára, uma jornalista já com 20 anos de formada – dirigindo-se aos seus jovens estagiários (com 20 e poucos anos), a forma com que a cobrança do trabalho é feita, a constatação de que o ensinamento profissional é além da prática, e que passa pelo compromisso de cada um dos alunos com a sua formação, destaca a preocupação e o esforço que Iára sempre demonstrou em passar adiante o seu conhecimento para os mais jovens. Durante os trinta anos em que esteve na Rádio da Universidade recebeu gerações de estagiários de jornalismo, com os quais conviveu, aprendeu e ensinou o que podia ser ensinado, tanto os aspectos profissionais quanto éticos.

O Cara

João Carlos Ferreira da Silva*

Fiz amigos que ainda hoje considero muito, apesar da distância e da nenhuma convivência; tive colegas modernos, “cabeças”, que me indicaram novos caminhos; com alguns professores, aprendi bastante. Mas, quando penso na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação de 70, 71, quem me vem à memória é uma figura às vezes taciturna, às vezes parecendo exatamente o oposto daquela nossa turma vibrante e enlouquecida, embora sempre mostrando disposição para nos atender: era o Duncan, o professor Sílvio Gomes Wallace Duncan, chefe do Departamento de Comunicação. Duncan era “o cara” dos primeiros tempos da Fabico.

Não gostamos da mudança, é preciso dizer. Saímos de um semestre no prédio da Filosofia, pulsante, cheio de gente e idéias, com um Diretório Acadêmico que desafiava a ditadura e exibia no mural a letra proibida de “Apesar de Você”, para um andar de um prédio longínquo, novo, frio, com a gráfica embaixo e a Biblioteconomia em cima. Talvez sem razão, a união com a Biblioteconomia nos incomodava; a falta de agitação universitária nos incomodava; a vinda, para um prédio próximo, dos condenados ao recém-criado “ciclo básico da UFRGS” apenas reforçava a sensação de que a época era ruim, e de que estávamos sendo sitiados. Não havia um bom bar, não havia Diretório Acadêmico, não havia mural, nada; restava-nos o gramado em frente, e o aproveitamos muito, fizemos ali rodas de música, assembléias, longas discussões, saborosos namoros, manhãs inteiras de doce vagabundagem.

Em meio a tudo isso, segurando a barra da faculdade isolada e sem graça, tentando resolver o vazio burocrático e o currículo estranho, compreendendo a junção na grama em frente, sendo nosso amigo – muito acima de ser chefe ou professor de qualquer coisa – transitava o Duncan.

Um dia, uma colega teve um desentendimento banal com uma professora do Departamento de História, que nos dava aulas. Era uma professora experiente, renomada, muito renomada, politicamente avançada; mas, nesse caso, não sei por que, comportou-se como principiante, não fez jus à fama nem à inteligência por todos reconhecida. Decidiu proibir nossa colega de assistir às suas aulas, e isso dito assim, na

frente de todos: “Às minhas aulas você não assiste mais. Pode sair”. De quebra, depois, ainda avisou que iria invocar o Decreto 477, uma invenção da ditadura para afastar da faculdade os estudantes “contestadores”.

A colega saiu da sala e saímos quase todos, um após outro, demonstrando nosso descontentamento. Fomos para o gramado, é claro, e lá decidimos que o assunto precisava ser esclarecido antes que a versão da professora prevalecesse. Eu era representante de turma, então coube a mim ir conversar com o Duncan.

Contei tudo, o Duncan não apoiou nem disse muito, mas adiantou que ia tentar resolver. Resolveu mesmo, não sei como, mas o 477 não foi usado, a professora não voltou, e uma substituta amena concluiu o semestre sem novos traumas.

O Duncan era assim, talvez o que hoje se chama de *facilitador*, mas tenho quase certeza de que ele repeliria esse termo, porque achava que, antes de tudo, era preciso conhecer, avaliar, refletir – não dá para facilitar sem saber o que está sendo facilitado.

Guardo dele, além da lembrança feliz, que é o mais importante, um livro que me deu, “A Mistificação das Massas pela Propaganda Política”, com seu *ex-libris* nas primeiras páginas. Já o usei muito, mesmo sem ser teórico da comunicação, e, a cada vez, lembro do Duncan, porque ele disse que o livro iria me servir.

Serviu.

Também me serve hoje a Internet, que naquela época sequer era imaginada, e que resolvi consultar para não cometer algum equívoco ao falar do Duncan. Lá consta, entre outras coisas, que ele foi poeta do grupo *Quixote*, e, a certa altura, revela-se uma faceta bem dele, bem Sílvia Duncan:

“No livro de atas da Associação Cultural Quixote, a última frase escrita é ‘O *Quixote* está se mudando’.

Mudando-se para onde?”, poder-se-ia perguntar.

“Para o país dos planos não realizados”, já respondeu Sílvia Duncan, certa vez.

Não posso dizer que realizamos todos os nossos planos na Fabico, até porque eles eram, obviamente, de prazo mais longo. Mas afirmo, com certeza, que o Duncan

fez tudo o que estava ao seu alcance para que, num momento muito difícil do Brasil, nossa faculdade não se transformasse no “país dos planos não realizados”.

**Integrante da 1ª turma da Fabico (/70),*

formado em 1973 em Jornalismo Gráfico e Audiovisual



No detalhe – Sílvia Duncan

Primeira Matrícula - 23 de janeiro de 2010

Karina Paizano Almeida

Naquele dia se consolidavam todos os meus esforços de um ano inteiro. Todas as vezes que eu não saí, todas as festas que eu não fui, todos os aniversários infantis com um livro embaixo do braço, aquela enxaqueca todo dia às seis da tarde, minha vida social em quinquagésimo plano; tudo isso recompensado naquele dia.

Sai de casa tendo uma vaga idéia de onde eu tinha que ir (primeiro erro, eu sei), mas como eu sempre digo aquele famoso clichê: quem tem boca vai a Roma (péssimo, mas real), ele valia pra mim também. Entrei no ônibus e falei “Tu podes me largar na parada mais próxima da Ramiro?”, achando que cobrador sabe tudo e me decepcionando imediatamente “Hum, Ramiro? Ah... ta, eu te aviso”. Ah droga, me estrepei, esse cobrador vai me largar em qualquer rua escura se aproveitando da minha bocabertice. Obviamente ele não sabia da importância desse dia, então fui perguntando para os passageiros as coordenadas. Desci na parada certa, não pelo cobrador, pois depois que eu perguntei a ele, não me olhou mais, no mínimo torcendo para que eu esquecesse.

Pois então, para que lado ir? Estava na Ipiranga, na frente do Mcdonald's, e me senti uma interiorana na cidade grande, apesar de morar a minha vida toda em Porto Alegre. Novamente me vali do dom da fala para me localizar, e como recomendado, segui para a direita. Foi muito fácil depois disso, logo em seguida vi um prédio enorme da UFRGS e fui preenchida por aquele medo: “E se faltar algum documento? E se acontecer alguma coisa?”. Mas logo espantei estas angústias, pois eu estava ali, pronta pra fazer a minha matrícula, pronta pra realizar o sonho de uma vida inteira (desde o ensino Médio), e pronta pra comer todo dia no melhor restaurante do Rio Grande.

Perguntei a um dos guardas qual era o andar das matrículas, e quando subi, achei tudo incrível. Mas tinha alguma coisa errada: e todos os outros bixos? E os veteranos para nos apavorar com suas mãos gosmentas de tinta? Não tinha ninguém ali. Eu estava completamente segura de que o dia estava certo, o horário também, então, não me atormentei por mais do que um segundo. Segui direto para a sala e dei de cara com uma

senhora de óculos, sentada em frente ao computador. Quando me enxergou, deu uma espiadela por cima dos óculos “Posso lhe ajudar?” ela disse, “Eu vim para fazer a matrícula” disse com aquele sorriso nervoso.

Não me lembro do rosto dela, não lembro se era gorda ou magra, se tinha cabelos ruivos ou não, mas o olhar de compaixão que ela me deu, provavelmente eu nunca me esqueça. “Querida, as matrículas foram ontem”. De início eu não acreditei, fiquei olhando para ela com aquela cara de você-só-pode-estar-brincando, mas não vi nenhuma hesitação naquele olhar. Droga, ela estava falando a verdade. Mas eu tinha certeza que no email estava: Dia 23 às 14 horas. “Negativo, eu recebi um email com data e horário certo, tem alguma coisa errada”, mas agora já não tinha tanta certeza. Eu só lera aquele email uma vez, quase vinte dias antes, será que a minha memória era mesmo impecável? Será que eu perdi a matrícula? Não senti tanto por mim, mas, o que eu ia dizer pra minha família? Com que cara eu ia chegar em casa e dizer que eu esqueci da minha única obrigação das férias, lembrar o dia e o horário?

Praticamente desabei, minhas pernas amoleceram e eu tenho certeza que passou um arco-íris de cores pelo meu rosto. O olhar de pena da mulher se transformou em preocupação. Eu devia estar prestes a ter um ataque nervoso, porque a mulher se levantou e me ajudou a sentar. “Vamos analisar o teu caso, querida, qual é o teu nome?” perguntou, “Karina Almeida” consegui responder sem gaguejar (algo que eu geralmente faço quando estou nervosa ou falando rápido demais). Ela me olhou, e não tenho nem palavras para o olhar que ela me deu “Karina, mas o teu nome nem está na lista.” Epa! Tá, agora tinha uma coisa muito louca acontecendo, como assim? Eu lembro muito bem, eu sentada na cadeira do dentista, esperando uma ligação que ia mudar a minha vida. Meu telefone havia tocado, eu havia pedido licença para atender, e meu primo havia mesmo feito uma péssima brincadeira dizendo que eu não tinha passado. Eu tinha ligado pra minha mãe, e lembro-me dela chorando no telefone, e lembro que em cinco minutos o meu primo ligou para a família inteira, e eu recebi mais ligações de parabéns do que no meu aniversário. Meu nome estava no listão, eu me lembro de ficar o dia inteiro no computador sem fechar aquela página, só para ter certeza de que era verdade. Agora vem ela me dizer que meu nome não estava na lista?

“Peraí! Que faculdade é esta aqui?”. Eu me lembro de memorizar muito bem o horário e a data, mas não o lugar... “Farmácia!” disse ela, com uma cara de não-estou-

entendendo nada. Relaxei, ah, minha bocabertice chegou ao auge. Claro que eu não estava na lista, naquela lista. Eu nem na Fabico estava. “Ah, eu faço Publicidade e Propaganda”. Depois de rirmos, ela me deu um mapinha dizendo exatamente aonde eu tinha que ir. Nunca me senti tão feliz por ver aquele monte de veteranos prontos para me sujar, porque depois de tudo isso o que eu mais precisava era me sentir dentro da Fabico.



Prédio da FABICO

Meus anos na Fabico

Lúcia Cordeiro - PICO

Quando entrei na FABICO em '70 estava recém chegada dos Estados Unidos, onde havia estudado um ano em Nova York como bolsista do American Field Service. As manhãs estirada na grama perto da Filosofia são minhas memórias mais antigas. Ouvindo A Banda passar, curtindo o Jaime com seu humor ácido, a sabedoria da Giselda e a algazarra de todos nós, jovens, em plena ditadura ensaiando o viver.

Fiz uma passagem meteórica pelo prédio novo da faculdade, quando nos mudamos para conviver com as calmas e discretas bibliotecárias.

Nós ruidosos e ensolarados, querendo engolir o mundo através dos professores e daquele universo novo que descobríamos nas aulas.

Mas talvez as mais suculentas informações chegassem nos gomos das bergamotas que incansáveis comíamos , as trocas e risos frouxos...

Confesso que, mesmo gostando de escrever, minha paixão sempre foi a dança e a musica. Em '72 escolho ir morar em Salvador, Bahia, e lá realizar este amor. Formei-me em Comunicação na UFBA em '75, onde estagiei no Diário de Notícias e no Tribuna da Bahia, sob a chefia de João Ubaldo Ribeiro.

Ao mesmo tempo dançava no grupo de Dança Contemporânea da Universidade e frequentava os terreiros de candomblé, pesquisando nossas raízes africanas.

Hoje trabalho como dançarina, coreógrafa e terapeuta corporal.

Viajo o mundo levando nossas danças e ritmos.

Descubro a dança como instrumento poderoso de integração e cura.

Meus anos na FABICO foram o fermento para a pessoa que me tornei - uma comunicadora pelo movimento. A todos colegas que atuam em seus veículos, minha admiração pelo percurso brilhante....Maria Helena Weber/Ricardo Schneiders/Serginho

Mattos/Magda Von Brixen/Liana Milanes/ Clóvis Heberle/Leonilda Correa e tantos outros..

AQUELE ABRAÇO!!!



Lúcia Cordeiro

Sonho Fotográfico

Margarete Beatriz dos Santos

Era maio de 1995, timidamente, mas ansiosa por conhecimentos sobre fotografia, me inscrevi no Curso de Fotografia Ambiental oferecido pela Fabico.

Durante a maior parte do curso nossos professores foram Mario Bitt Monteiro, Paulo Backes e Suziene David.

Naquela ocasião, fotografia pra mim era coisa meio rara, tinha pouquíssimas com a minha imagem, e praticamente todas estavam guardadas (“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la./Em cofre não se guarda coisa alguma./Em cofre perde-se a coisa à vista./Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por /admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.... - Antônio Cícero), as mais abundantes eram as que encontrava em livros, revistas; eram flores, paisagens, e de arquitetura, sempre belas a meus olhos.

Nossa primeira saída de campo foi num feriado de Corpus Christi, para São José dos Ausentes, quando este começava a despontar no turismo do Rio Grande. O grupo lotou um ônibus, isto mesmo, não era micro; enquanto esperávamos por ele, começou a chover e nos agasalhamos sob a marquise do prédio de apartamentos em frente à Fabico (não havia as grades de hoje).

Ao subir a Serra da Rocinha, a neblina nos brindava com um jogo de esconde-esconde belíssimo. E lá chegamos num fim de tarde, cansados, mas eu maravilhada com a beleza do caminho. Quem nos recebeu foi o casal, na época, Denise e Ernesto Boeira. Ela fez sem nenhuma auxiliar, entre outras delícias massa caseira, e ainda tinha a Beatriz, que era a filha, uma garotinha pequena, para cuidar; não sei como dava conta de tudo.

O alojamento da maioria do grupo foi na estrebaria. Foi muito engraçado quando a noite começou a cair e era hora das vacas voltarem para casa, elas param na porta e ficaram olhando aquele bando de gente ocupando o lugar delas, por duas noites. Fiquei com mais alguns colegas no “último compartimento”, dormíamos com as cabeças quase

embaixo dos cochos dos animais. Alguns levaram barraca e montaram no local, fizemos um fogo de chão, conhecemos as habilidades de alguns participantes. Foi muito bom e divertido também.

Tivemos uma aula de fotografia macro, que me deixou encantada. Mais tarde deixei cair uma lente, que obviamente quebrou.

O trabalho da turma integrou a II Mostra de Fotografia Ambiental do Rio Grande do Sul – UFRGS/1995, no Edel Trade Center no período de 07 à 17.12.1995.

Deste curso, que participaram quarenta e duas pessoas aproximadamente, formamos um grupo, que a Márcia disse ser contaminado pela Síndrome da Disfunção Fotográfica Compulsiva, daí o nome SDFC que, inicialmente composto por doze integrantes, hoje apresenta mais dez, como cônjuges e outros amigos e, ainda, mais sete que são filhos e filhas dos começaram no grupo, totalizando vinte e oito pessoas.

Tudo mudou, a partir daí aguçou-me o desejo de viajar. Inicialmente viajavamos uma vez por mês, agora como o grupo mais que dobrou de tamanho não o fazemos como gostaríamos, mas continuamos nos encontrando e nos comunicando constantemente por e-mail e quando dá a gente faz um “vai quem pode”.

Realizamos a exposição Paragens Nossas (fotos de paisagens do RS) no Café Concerto da Casa de Cultura Mário Quintana de 27.08 a 15.09.1996, Capão da Canoa de 18 à 27.10.1996 e Praia de Belas Shopping Center de 02 a 08.06.1997 e Por Dentro do Litoral, com fotos do entorno do Litoral, no Café Concerto da Casa de Cultura Mário Quintana de 19 à 30.08.1997

A partir daí muitos foram e continuam os meus registros externos, além de todos que a gente guarda na memória.

Nunca mais meu olhar foi o mesmo, e quando passo pela Fabico para lá se dirige meu olhar com carinho.

Meu abraço e muito obrigada aos integrantes da Fabico.



Cursos do Núcleo de Fotografia - FABICO

Sérgio Roberto Alves Rosa (Fabico 1973-2005)

**Maria Berenice da Costa Machado,
com a colaboração de Malvina de Castro Rosa e Miriam Martínez Issa**

Escrever sobre o Sérgio não é tarefa fácil. A sua trajetória intimida a memória, dada a riqueza e o requinte de detalhes. Mas o Personagem não poderia faltar nesta publicação. Resolvi, então, encarar o desafio na companhia de duas fabicanas que o conheceram muito bem: a sua filha Malvina, relações públicas, e Miriam Issa, publicitária. Esta produção, a seis mãos, é um registro e uma narrativa permeada de afetos, sem pretensões de ser biográfica ou de fazer a historiográfica da sua vida. O objetivo é homenagear um Professor que compôs e deu interessantes lições durante 32 anos na Fabico. A Malvina, embora graduada pela faculdade, não foi aluna do pai, pois aqui entrou depois da sua aposentadoria. Ela contará um pouco da vida profissional do Sérgio e da relação familiar com a Fabico. Caberá à Miriam e a mim, suas alunas, escrever sobre o professor, o orientador e o amigo. Um prazer e uma obrigação no nosso entendimento.

A Miriam resume a emoção que nos motiva: “quando minha amiga e publicitária Maria Berenice pediu para eu escrever as minhas memórias e experiências acadêmicas com o querido professor Sérgio Rosa, não pensei duas vezes. A Fabico está fazendo aniversário e é justo qualificar as pessoas que construíram essa história de 40 anos. É uma honra destacar alguém tão especial e que tanto contribuiu com a publicidade local”.

A relação da quarentona faculdade com a família do Sérgio pode ser entendida nas palavras de Malvina: “desde que nasci a Fabico sempre foi uma espécie de cenário cotidiano da minha vida. Meu pai Sérgio Rosa começou a dar aulas lá por volta de 1973. Nasci em 1980, ela já estava na vida dele e passou a fazer parte da minha também”. A filha relata que era pequena quando passou a “frequentar” a Fabico: “algumas vezes, não tinha quem ficasse comigo, eu ia com meu pai para lá. Se as colegas professoras estavam em aula no mesmo horário, eu assistia a do meu pai. Eu ia bem comportada, acompanhada de uma cachorra poodle ou algum brinquedo. Lembro-me que antes de seguirmos para a sala o pai colocava-me sentada no balcão do bar da Lena e eu pedia uma Coca Cola. Quando chegávamos lá, eu sentava bem na frente e ficava quieta. Sem entender nada. Mas muito orgulhosa, pois o cara que tava lá na frente falando, falando e falando, era o meu pai”.

Malvina recorda as muitas atividades profissionais do Sérgio: “quando eu era criança, as pessoas perguntavam-me: qual a profissão do teu pai? Eu nunca sabia o que responder direito; sabia que meu pai era professor, que também escrevia no jornal e que tinha trabalhado em um banco. Um dia disse-me que era economista e eu não entendi mais nada. Primeiro porque não sabia o que era economista, e eu achava que ele era professor, e se não era professor então era o cara que escrevia no jornal e trabalhou em um banco”.

De certa maneira, foi com essa multifacetada vida profissional que me apresentaram o Sérgio, caro mestre e conselheiro. Ano de 1985, um final de tarde. Entro apressada na Fabico para a primeira aula do semestre e pergunto a uma colega sobre o professor. Ouço “é o Barão”. Como assim, barão? “É... além de parecido com a figura da nota de mil cruzeiros, circula muito pelo mercado”.

A Miriam é da geração de fabicanos dos anos noventa, recorda que o encontrou nas aulas de Marketing e tem opinião semelhante sobre a sua intimidade com a prática publicitária: “achava as histórias dele fascinantes, sempre recheadas de experiências da publicidade local e de outras culturas. Contava as suas viagens e as repercussões da publicidade no mundo, em diversos países, muitos dos quais ele havia visitado. Não tendo viajado tanto, a minha imaginação se abria para esse mundo tão interessante e prestes a ser explorado. Também como bom mestre na área da comunicação, o Sérgio tinha vivido muito e trabalhado no mercado, que ainda era parte dos sonhos da maioria dos estudantes em início de carreira”.

Além da Fabico, na década de 1980 o Sérgio foi diretor de marketing do banco Maisonnave, talvez único período em que usou gravata, como observa Malvina. A menina visitava o pai com frequência no prédio da rua Sete de Setembro e recorda que ele trabalhou lá até o banco falir em 1984: “a falência do banco foi uma fase muito tensa, até porque foi ele o porta-voz da empresa para dar a notícia no Jornal Nacional. Isso o afetou muito”. Malvina acredita que aquele episódio, somado à propensão genética e à vida sedentária, provocaram-lhe um acidente cardiovascular.

Depois do enfarte ele ficou um tempo em casa e aos pouco foi voltando para a Fabico. Mas a sua mente inquieta e sedenta por desafios fez com que buscasse novos projetos, entre eles o do jornal Diário do Sul junto com o jornalista Helio Gama. O periódico, em tamanho *standard*, “era como um sonho”. Malvina lembra da animação do pai no dia em que chegou à casa uma caixa de correio estampada nas laterais com a marca do Diário do Sul: “ele me chamou e fomos

os dois instalar a caixa na frente de casa. Eu tinha nessa época quatro ou cinco anos, a minha ajuda não era muito válida, mas acho que era uma forma de me incluir no processo”.

Agregar e oportunizar são palavras que combinam com o perfil do Sérgio e eu pude percebê-las ao cursar disciplinas ministradas por ele, todas determinantes na minha formação publicitária. No entanto, o seminário “Administração e Comunicação” marcou-me mais. Durante o semestre passaram pela sala nomes conhecidos e de prestígio, verdadeiras referências e inspiração para as nossas futuras carreiras. Vinham a convite do Sérgio falar sobre as suas rotinas e os cases das suas empresas. E esta foi uma das lições que eu trouxe para a docência: a importância dos jovens aspirantes estabelecerem contato com profissionais e com o mercado desde os primórdios do curso.

Ainda sobre a época do Diário do Sul, Malvina guarda memória de ir à redação, local onde nasceu o M.E. Sailland, pseudônimo de crítico de gastronomia adotado pelo Sérgio, e que lhe serviu até o final da vida. Com esse nome fictício ele escreveu para o Jornal do Comércio, Veja Porto Alegre, Jornal Gente, da rádio Bandeirantes, e por último no jornal Oi Porto Alegre. Muitas pessoas perguntam para Malvina: por que M.E. Sailland? Ela esclarece: “Maurice Edmond Sailland nasceu no final do século XIX, na França, e foi, provavelmente, o primeiro crítico de gastronomia. Dedicava-se a viajar pelo seu país, a classificar os restaurantes e a escrever sobre a boa mesa francesa”. A inspiração não poderia ser mais adequada para o Sérgio, que cultivava prazeres idênticos.

O envolvimento afetivo com o Diário do Sul foi grande. No entanto, o jornal inovador teve curta trajetória. Malvina recorda: “quando o periódico começou a tomar o rumo da falência, o pai, acho que como auto defesa, saiu do jornal antes que o sonho dele e de outros desmoronasse por completo”. A partir de então, dedicou-se à Fabico e, esporadicamente, a alguns trabalhos de consultoria.

A Faculdade de Comunicação sempre ocupou lugar destacado na vida do Sérgio e da sua família: “por muito tempo meu pai foi encantado com a Instituição. Através dela surgiram muitos amigos, principalmente alunos que se tornaram colegas e amigos para a vida toda”. Malvina observa, ainda, que a convivência ultrapassava os muros da faculdade e chegava à sua casa onde se reuniam alunos, amigos e intelectuais. Todos tornavam a vida mais divertida: “éramos só três moradores, a casa era grande e com piscina. A população aumentava muito nos finais de semana, com as visitas, almoços, churrascos e muita fumaça de cigarro”.

A filha era pequena, mas participava de todas as rotinas da família: “em função da Fabico, do Diário do Sul e dos vários trabalhos paralelos do pai, tínhamos um ritmo diferente das famílias das minhas amiguinhas que dormiam e acordavam cedo”. A ela era “concedido o direito de ser um pouco boêmia, assim como o pai”. Malvina observa que “às vezes até dormia cedo, mas acordava, ouvia o barulhinho da Olivetti verde funcionando na sala, na frente da TV, levantava sorrateiramente e ia lá embaixo deitar mais pertinho do pai. Dormia ao som do bater das teclas”.

Aqueles anos coincidiram com a luta pela volta da democracia e das eleições diretas. Nos intervalos das aulas discutíamos política, cultura, comunicação, tecnologia e fatos cotidianos. Sempre no bar da Lena. Muitas vezes parei na mesa em que o Sérgio estava, valia a pena ouvi-lo, admirava a eloquência e a firmeza dos seus argumentos (embora nem sempre concordasse com ele). O orador parecia gostar daquela turma interessada e ávida por saber do mundo, então precário de conexões e versões. Anos mais tarde, lembrando tais episódios ele confessou-me: “no fundo, o professor gosta mesmo é de fazer um *striptease* das suas ideias”.

Fui orientada pelo Sérgio nos projetos práticos e coletivos necessários à integralização do curso – agência, universidade e comunidade – ocasião em que aprendi a importância da prática e de experimentos reais para complementar e ilustrar a teoria da sala de aula. Nosso grupo era bastante motivado pelo mestre que nos ensinou a compensar a falta de estrutura material da faculdade com boas ideias e com criatividade. E este bem pode ser um diferencial competitivo dos fabicanos no complexo mercado de trabalho.

A Miriam relata-nos, também, a fase de orientanda: “quando decidi o tema da monografia não conseguia pensar em uma pessoa mais adequada para me dar a devida orientação do que o professor Sérgio Rosa. Fiquei receosa de que o meu assunto não fosse pertinente, ele me deu apoio e ensinou-me que o importante não seria o tema, mas a maneira como fosse escrita e explorada a pesquisa. Tive a sua assistência incondicional, nunca hesitava em responder as minhas perguntas ou em revisar o meu progresso. Foram seis meses intensos, muito estudo, leituras e debates, até meu produto final ficar pronto e ser apresentado. Tirei uma ótima nota, realizada com a conclusão da etapa e muito feliz pela escolha do orientador”.

A formatura da minha turma, quinze Cobras da Comunicação, identidade assumida pelos jornalistas, relações públicas e publicitários de 1991/1, foi a antítese dos atuais ritos: a data postergada um semestre devido à greve na universidade, tivemos que tratar de todos os detalhes,

do convite às flores, uma vez que ainda não havia se instaurado a era das produtoras. O uso de toga era opcional e nós a eliminamos sumariamente. Mas e o quê vestir? Muitas discussões sobre jeans e a decisão pelo padrão preto e branco, obviamente quebrado pela calça *blue* de um resistente. O discurso dos alunos era facultativo e o nosso quase ficou esquecido, até que protestei: como uma turma de Comunicação não ter nada a dizer? “Então faça você, delegou um colega. Mas como será em nome do coletivo, queremos ler antes”. E assim o foi. Em meu texto defendi a Universidade pública, gratuita e de qualidade. O Sérgio, que estava na mesa de honra, veio me cumprimentar e agradecer após a cerimônia. Na verdade foi o reconhecimento e a ratificação festiva do que ele e outros ilustres professores e professoras nos ensinaram: admirar e respeitar a Fabico e a UFRGS.

A graduação traz sentimentos ambíguos; à alegria pela conclusão de etapa fundamental nas nossas vidas, sobrevêm inseguranças diante dos desafios típicos do mundo do trabalho. Muitas vezes recorri ao Sérgio para dividir as dúvidas. Invariavelmente, o encontrava receptivo, suas palavras, além de um porto seguro, conduziam à reflexão e estimulavam-me a seguir adiante.

Voltar à Fabico para pedir ajuda era prática comum, como recorda Miriam: “logo após a minha formatura, decidi sair do Brasil por um tempo para vivenciar outros ares e aprender sobre novas culturas. Tentando saber o melhor destino, mais uma vez contatei o professor Sérgio à procura de informação, pois sabia da sua intimidade com o mundo já globalizado. Ele foi muito gentil, conversamos sobre diversas faculdades fora do país, sobre a possibilidade de bolsa e outras opções que poderiam ser interessantes para a área da comunicação”. A resolução da recém formada foi o Canadá, primeiro Toronto e depois Vancouver, onde está radicada há 12 anos, constituiu família e trabalha com Marketing. Ela conta que aprendeu muito sobre a cultura, carreiras, línguas e, acima de tudo, vivências. E que mesmo distante não perdeu contato com o professor Sergio, escrevia-lhe e-mails, contava do seu trabalho e perguntava com “andavam as coisas por Porto Alegre?” A ex-orientanda observa que ele “nunca mencionava seus diversos problemas de saúde e parecia seguir em frente com força de guerreiro”.

Anos mais tarde, trabalhei diretamente sob a sua coordenação na elaboração de projetos de Comunicação e Marketing para a UFRGS, em busca de parcerias para restaurar os prédios históricos e patrocínio para projetos que o orçamento público não comportava. Naquele período, junto com o aprendizado, divertia-me muito com as frases prontas e o bom humor do Sérgio. Diante de um comentário sobre as “dificuldades” de buscar o consenso para determinada

situação ele foi assertivo: “olha, a Universidade tem mais de 30 mil pessoas e todas têm muitas ideias. Assim, sempre nos debateremos e lidaremos com a abundância. Cabe-mos então apreendê-las, processá-las, adequá-las”.

Nos intervalos de trabalho, sempre regados a muito café, eu saboreava, também, as suas narrativas com detalhes de datas, lugares, personagens, uma vez que dominava História e Geografia como poucos. Malvina destaca a grande bagagem cultural do pai, capaz de trabalhar e articular várias coisas diferentes. Sua grande paixão eram os livros, adorava ler e possuía uma bela biblioteca. Ele sempre tinha resposta para tudo, respostas longas e contextualizadas com a situação mundial de determinada época. A filha lembra a mãe, ao observar que o Sérgio “nunca deixava pergunta sem resposta. Se ele não soubesse, inventava. Como era muito culto, a resposta era sempre bem embasada, o que a tornava mais verossímil”.

Outro ponto bastante peculiar eram as suas refinadas piadas e o grande senso de humor. Certa vez encontrei-o com o rosto roxo e um dos braços imobilizado. À natural pergunta sobre o ocorrido, ouvi: “eu poderia te contar que subi em uma cadeira de três pés, caí e me machuquei. Mas aí não teria graça nenhuma. Então prefiro dizer que foi um marido ciumento”. Muitos risos.

Aquele tempo foi intenso, mas durou pouco mais de um ano, sendo interrompido pelo grave acidente de carro que o Sérgio sofreu em 1998. O período da sua convalescência coincidiu, também, com o início da minha pós-graduação e a carreira docente fora da cidade. Diversas vezes fui procurá-lo pedindo livros e orientações para preparar as minhas aulas. Pude constatar a fragilidade e as suas limitações físicas, em contraste com a lucidez e a vitalidade do pensamento. Tenho certeza de que estes foram determinantes para que ele superasse as adversidades. Além da minha solidariedade, pouco podia fazer, ria das suas histórias e o brindava com figos, uma das suas muitas paixões gastronômicas. Aos poucos ele foi se recuperando e já podíamos – Milena Weber, Ana Fonseca e eu – contar com a sua sempre agradável companhia em programas sociais (às vezes até os inventávamos para estarmos mais próximas dele).

Veio o tempo da aposentadoria, que ele contrapôs com o trabalho voluntário na faculdade em algumas disciplinas e orientações. Malvina lembra que mesmo aposentado ele nunca se afastou da Fabico. Em 1999 voltou para substituir um professor que entrou em licença. No final de 2005, quando faleceu ainda bastante jovem (62 anos), orientava uma aluna, pois o contato com o aluno sempre foi muito prazeroso para ele.

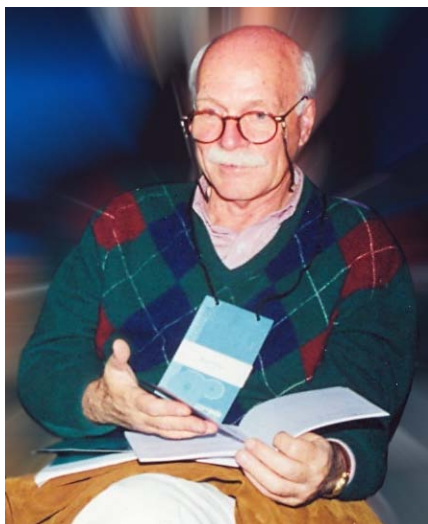
Além do vínculo com a Fabico, após-acidente o Sérgio iniciou um projeto de mestrado em comunicação na PUC. Fomos colegas lá. Como já era esperado, seu desempenho nas disciplinas foi brilhante. Infelizmente, ele nunca mais foi o mesmo. Sua saúde foi ficando cada vez mais frágil, vieram quatro acidentes vasculares cerebrais e o curso ficou entrecortado pelas muitas hospitalizações. Ele buscava a sanidade mantendo-se ocupado e produtivo. Certa vez concluiu um texto para um Seminário Internacional em um laptop na CTI e pediu-me para apresentá-lo em seu lugar. Malvina conta que ele sempre dizia para ela e sua mãe que “enquanto a cabeça funcionasse bem valeria a pena viver. Quando a mente parasse elas não deveriam fazer qualquer esforço para ele continuar vivendo”.

Sérgio não pode concluir o Mestrado, mas suas intervenções foram determinantes para que eu pudesse fechar a minha tese. Discuti muito com ele a problematização, a hipótese e recebi indicações de bibliografia. Até que em um jantar – ocasião em que conhecemos um novo lugar na Cidade Baixa indicado pela Malvina - ouvi o seu ultimato: “termina logo essa tese, pois é tempo e vida demais para um único projeto”. Integralizei o trabalho em 2004 e tive a sua ilustre presença durante a banca de defesa e o almoço comemorativo. O Sérgio é uma das duas pessoas, além da família, que agradeço na monografia e na tese de doutorado.

Gratidão e reconhecimento são comuns também à Miriam que encerra seu depoimento: “foi um privilégio ter conhecido, convivido e aprendido com uma pessoa tão especial e iluminada, que tinha uma paixão intensa por comunicação e pela vida acadêmica. Espero que seus esforços não sejam esquecidos por seus alunos. Para muitos deles [caso destas que escrevem] ele foi um verdadeiro mentor”.

Sobre os legados de Sérgio podemos contabilizar, entre outros, gerações de alunos e orientandos, a tradução de obra de Harold Adams Innis, ainda inédita no Brasil, uma coleção de crônicas que versam sobre gastronomia, economia, comunicação e marketing, todas publicadas na *newsletter* Análise Digital. Há também materiais brutos que poderiam render leituras e pesquisas interessantes, caso da coleção do jornal Pato Macho. Sérgio e eu tínhamos a intenção de escrever um livro sobre o ensino de Publicidade e Propaganda. Em uma tarde fria de julho, em 2005, sentamos em um café no bairro Moinhos de Vento, cuidadosamente escolhido por ele, para discutir o projeto. Mais que depressa ele já rascunhou o esquema básico do conteúdo da obra, que talvez um dia eu ainda execute em sua homenagem.

Nossa “despedida” foi festiva, como sói poderia ser, cercada de amigos na casa da Christa Berger, que preparou peras ao vinho, uma das sobremesas prediletas do Sérgio. Daquela noite fria de agosto, passaram-se três meses, tempo demasiado longo sem encontrá-lo. Um domingo tive vontade de conversar com ele, pensei em ligar, mas desisti ao constatar a proximidade das 22h. Arrependo-me até hoje. Na manhã seguinte, 21 de novembro, recebi a notícia de que ele falecera. A causa? Malvina resume com a resposta de um primo para um amigo que não havia conhecido o seu pai (ela considera a melhor explicação para a morte prematura): “Ele morreu porque gostava de viver bem. Ele gostava de fumar, comer bem e beber”.



Sérgio Rosa

MINHA CHEGADA À FABICO

Ricardo Schneiders da Silva

Quarta-feira, 17 de dezembro de 1969, Rio de Janeiro. Morreu o General Artur da Costa e Silva, Presidente do Brasil, e a cidade ficou imobilizada, cercada: as Forças Armadas patrulham a cidade, ninguém entra ninguém sai. E eu com uma passagem de ônibus da Empresa Penha, Rio-Porto Alegre. Deveria chegar à capital gaúcha na quinta-feira, pois sexta-feira era o último dia para fazer a inscrição para o exame vestibular unificado da Faculdade de Filosofia da UFRGS, onde eu queria cursar Jornalismo. Cheguei no sábado, pois a ‘cidade maravilhosa’ só foi liberada para viajantes na sexta-feira...

(Terminei o Colegial, antigo Curso Clássico, no Instituto Werneck da cidade serrana de Petrópolis, RJ, onde estava morando em comunidade. Um bom colégio, onde estudava História do Brasil com o diretor do Museu Imperial dentro do próprio museu.)

Naquele dezembro de 69, com Costa e Silva doente, uma regência ditatorial no controle da Nação, eu aguardava a documentação do 2º Grau/Boletim Escolar para voltar para Porto Alegre. Trabalhava na produção de um disco do grupo musical “Viva a Gente” nos estúdios da Philips (gravadora então dirigida por Fernando Lobo – pai de Edu – e André Midani). Precisava acompanhar as gravações, receber os documentos do colégio e viajar 27 horas de ônibus para Porto Alegre, para não perder o prazo de inscrição para o vestibular! Mas morre o General-Presidente, a cidade é fechada e tudo ficou difícil...

.....

Em Porto Alegre depois do susto, atrasado para fazer a inscrição, o jeito era tentar abrir alguma porta, explicar a situação involuntária em que ficara metido. Minha mãe se deu conta que o então diretor da Filô era o médico Romeu Muccillo, de quem tínhamos sido vizinhos; e lá fui eu na segunda-feira bater no seu gabinete. Ele não só compreendeu, e mandou que a Secretaria da Faculdade fizesse a minha inscrição, como ainda me forneceu como médico, o ‘atestado de capacidade física e mental’ que era exigido na época. Na saída, depois que lhe agradei a gentileza, me olhou e falou: - “Muito bem, agora não me faça passar vergonha, vê se passa no vestibular!”

Graças a Deus (ou à sorte?!?), eu fui aprovado! Era o 13º nome na lista das trinta vagas do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Minha opção pelo Jornalismo foi meio sem reflexão. Meu pai sempre nos disse: “... façam qualquer curso, menos o Direito, já basta eu!” Ele e meu avô eram bacharelados em Direito... Eu, como já estava fazendo algum jornalismo desde a adolescência (até o boletim das Bandeirantes do RS produzi um dia), e também no Viva a Gente, onde fazia um jornalzinho além de produção e divulgação do espetáculo. Por

aproximação, e pelo fato de um amigo já estar fazendo o curso, foi essa a minha escolha. Acho que deu certo...

.....

No começo de março de 1970, quando chegou a hora das matrículas, nos avisaram: estava acontecendo uma mudança no currículo, o curso seria de Comunicação Social e não teria mais a duração de três anos e sim de quatro; além disso, no segundo ou terceiro ano, teríamos de fazer uma escolha entre Jornalismo e a nova área de Relações Públicas/Publicidade. E mais, as aulas só seriam iniciadas no final do mês de março!

No primeiro dia de aula uma nova surpresa: as vagas tinham sido ampliadas e éramos agora sessenta alunos. A UFRGS tinha provocado um esvaziamento na turma de calouros da FAMECOS!



Monumento em frente ao prédio da Reitoria

1970: UM SACO!?!

Ricardo Schneiders

Lá nos idos de 1970, logo após a criação oficial da Faculdade, houve um episódio de certa forma sintomático e premonitório do papel que caberia, coube e cabe, a essa Unidade da UFRGS: desde o seu início foi um ninho de diversidades e de muita criatividade... um evento criado e produzido pela primeira turma do Curso de Comunicação fez história: denominado pomposamente de ‘Semana de Arte e Comunicação/1970’. Ou: “SACO ‘70’!!!

A origem de tudo foi a palestra de uma artista alemão, agitador/produtor de arte urbana, no mês de outubro se não engano, lá no Instituto de Artes da (Rua) Senhor dos Passos. Ele apresentou slides e relatou sobre eventos de intervenção artística, em diferentes pontos do centro urbano de Munique. Alguns de nós, neo-fabicanos metidos em tudo, nos entusiasmos e trouxemos o tal alemão-artista até a Fabico, no dia seguinte, para conversar com a nossa turma. Para nossa surpresa, a diretora da Faculdade, ao ser comunicada da presença do estrangeiro, simplesmente disse que era proibido. E nos impediu de recebê-lo dentro do prédio! Resultado: uma conversa com uns vinte alunos sentados na grama do jardim, bem na esquina da Rua Jacinto Gomes (existia ali um mastro para hastear a bandeira Nacional...).

Quase imediatamente, uma idéia surgiu, cresceu, e nos envolveu: realizar um evento, uma intervenção, um “happening” reunindo arte e comunicação no nosso próprio ‘espaço urbano’... prédio da Faculdade, e em outras áreas da Universidade. Isso tudo, em pleno Governo Médici, pós reforma universitária e na vigência AI 5 (e 6, e 7). Anos de chumbo e tudo o mais, sabendo inclusive de colegas em aula que seriam informantes do Sistema. No auge da repressão queríamos ousar! E ousamos...

Primeiro, um projeto: uma proposta de mostra de realizações acadêmicas recentes, não só da área da comunicação, mas também de arquitetura, música, artes em geral! E rapidamente se fizeram os contatos e se obteve a adesão de estudantes e até professores, na própria Faculdade, e entre grupos de outras unidades da UFRGS.

E, segundo, e mais difícil: a AUTORIZAÇÃO para realizar uma semana de eventos, com a proibição de qualquer formato de ‘festival universitário’ em qualquer Universidade em nosso país! Mas o caminho foi indicado pelo professor e poeta Silvio Duncan, que apoiado por Ernesto Correa, nos levou ao então superintendente acadêmico, prof. Jorge Furtado, que deu a solução: um grupo de professores assumiria o papel de ‘comissão de censura’ para aprovar a programação proposta. E se constituiu a comissão, com o próprio Silvio Duncan e o professor Santos Vidarte, mestre da fotografia jornalística. É claro que essa comissão aprovou tudo o que foi proposto. Sem ver nada, nem ler texto algum!

Para a realização do evento conseguimos usar um espaço do térreo do prédio, que estava em reforma, e era parte do almoxarifado da Universidade: com mais de 200 metros quadrados tinha acesso por uma porta dupla direto no saguão da entrada de serviço (na época, e que hoje é a

entrada principal da faculdade). Ao fundo, se colocou um tablado, e as paredes foram forradas, em várias áreas, com montagens/colagens de folhas de outdoors, avançando até pelo saguão. Nas laterais, painéis para a exposição de material visual.

Logo na entrada do espaço, um painel coberto com uma grande folha de papel branco e pincéis coloridos, disponibilizando um mural para manifestações gráficas e mensagens, de certa forma antecipando o grafite livre como ocorre este ano na Bienal de São Paulo.

O Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes emprestou um acervo de obras recentes de professores e alunos, participando de exposição em mistura com fotografias e anúncios publicitários de algumas agências da cidade.

Um grupo de alunos da Arquitetura, que desenvolvia um trabalho de pesquisa em expressão corporal, sob liderança da Maria Lucia Sampaio, realizou apresentação que se transformou em verdadeira catarse coletiva.

Uma escola de dança da cidade, numa das tardes, apresentou o seu espetáculo anual, com os grupos de diversas faixas etárias. Ficou na lembrança de todos ‘a dança das ovelhinhas’, apresentada pelas meninas da escola...

Uma apresentação do espetáculo “A Cantora Careca” de Ionesco, com direção de Irene Brietzke, teve uma sessão especial no Teatro do DAD da Av. Salgado Filho (hoje Sala Alziro Azevedo).

E o colega Claudio Krupp descobriu numa cidade serrana, um trio de roqueiros norte-americanos, que perambulavam pela América Latina fazendo shows. Convocados para a Guerra do Vietnam tinham fugido pela fronteira do México e sobreviviam fazendo apresentações “on the road”.... Para se apresentar em Porto Alegre cobraram como cachê uma gravação em vídeo, para usar na sua divulgação: isso foi obtido junto à TV Difusora de Porto Alegre, com a ajuda do Carlos Alberto Carvalho, então professor de Rádio e Televisão!

Para sentar, no chão, o pessoal recebia na entrada um saco de aniagem, desses de carregar batatas!

A semana de 23 a 28 de novembro de 1970 foi de intensa ebulição na FABICO, e de muita apreensão... o tempo todo no ar a pergunta: será que vai dar tudo certo? Será que não virá a repressão (isto é, a Polícia, ou a Reitoria!!!)? O público afluiu, até por que os jornais locais noticiaram o que estava ocorrendo, e no meio universitário, as notícias sempre se espalham com rapidez e amplitude. Nos eventos finais, o espetáculo-exercício de expressão corporal e o show dos roqueiros americanos lotaram o espaço e bem mais de uma centena de espectadores assistiram e participaram.

Até mesmo os jornais do centro do país chegaram a publicar notícias, pois era um evento público e livre – um “happening” acontecendo dentro de uma grande universidade. Parecia um grito de liberdade, ou um sopro de ousadia que estávamos fazendo ali, na Fabico...



Exposição SACO 70 – Saguão da Fabico

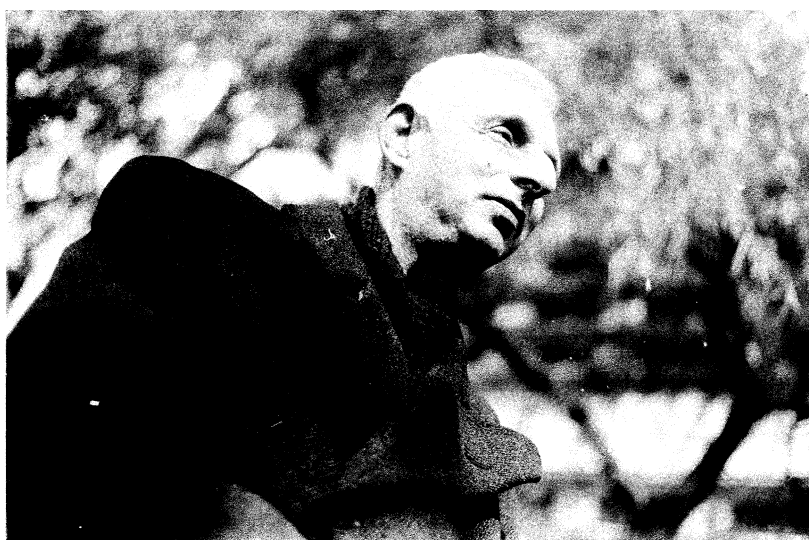
PERSONAGENS: ADOLFO

Ricardo Schneiders

Essa estranha figura ressurgiu na minha memória da infância: final dos anos cinquenta, sempre por volta do meio-dia na saída do Colégio Farroupilha, então localizado na Av. Alberto Bins em frente à Igreja São José. Ali estava ele – Adolfo – quase diariamente, conversando com algum dos pais à espera dos filhos (em geral judeus de ascendência européia). Tudo o que eu recordo era saber de sua situação de "refugiado de guerra" e de sobrevivente do horror nazista na Europa da II Guerra Mundial.

E eis que, muitos anos depois, esse personagem retorna no momento do exame do vestibular na Faculdade de Filosofia em 1970. Caminhando por entre os grupos de alunos apreensivos que entravam para as provas, lá estava ele, balançando a cabeça de pássaro, e nos dizendo: "Calma e paciência, passa vestibular", num português cheio de sotaque, carregado, de imigrante alemão e judeu....

E muitas vezes depois o encontrei depois, circulando no Campus Centro, no Bar do Antonio. E nos concertos da OSPA no Salão de Atos da Reitoria, onde costumava pedir silêncio às platéias um pouco mais barulhentas!



Adolfo

BIBLIOTECONOMIA & COMUNICAÇÃO

Suzana Sperry

Meu objetivo ao escrever este artigo não é contar a história da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pretendo fazer uma reflexão sobre as estratégias que trinta e três alegres e sorridentes bibliotecários recém-formados adotaram quando os Cursos de Biblioteconomia e de Comunicação foram incorporados em uma mesma Faculdade (ver a fotografia abaixo).

O ensino da Biblioteconomia na Universidade começou em 1947, como um Curso livre, ministrado em anexo a então Faculdade de Economia. Dois anos depois, esse Curso foi interrompido, mas voltou a funcionar de 1950 a 1953, em convênio com o Governo do Estado. Com o término do convênio em 1954, o Curso continuou. Em 29 de outubro de 1958, o Conselho Universitário aprovou a transformação do Curso em Escola de Biblioteconomia e Documentação, com nível superior. Em 1966, pela Lei 5.077, a Escola tornou-se autônoma, mas continuou funcionando na Faculdade de Ciências Econômicas. Finalmente, em 16 de abril de 1970, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, incorporando-se a ela o Curso de Jornalismo, que funcionava junto a então Faculdade de Filosofia.

Essa breve retrospectiva mostra que, antes de ser criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, vinte e três anos haviam se passado e, durante esse tempo o ensino da Biblioteconomia sempre esteve sobre o abrigo da Faculdade de Ciências Econômicas. Ou seja, a Biblioteconomia possuía um endereço certo na Universidade, e constituía um campo social com hábitos construídos ao longo do tempo, onde as disposições sobre como agir, pensar e sentir, eram reconhecidas por todos e estavam consolidadas.

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação foi criada em 16 de abril de 1970 e, em janeiro de 1971, a turma que aparece na fotografia abaixo, fez vestibular. Foi

o primeiro vestibular unificado por área realizado pela UFRGS. Aprovados, chegamos à Universidade justamente no momento de implantação da recém-criada Faculdade. O primeiro passo dado por nós nessa ocasião foi regularizar a nossa documentação junto à Secretaria da Faculdade, que ainda funcionava no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas. Foi quando pisamos pela primeira vez no majestoso hall de entrada, subimos os degraus daquela monumental escadaria e mergulhamos nos hábitos dos colegas que nos antecederam em mais de duas décadas.

Durante dois semestres, subimos aquelas escadas para assistir aulas em salas solenes e sombrias. Frequentamos o bar e a Biblioteca enorme, sombria e abarrotada de livros. Foi no terceiro semestre que o nosso trágico período de transição começou. Mudamos de endereço postal e social, abandonamos um dos mais tradicionais e suntuosos prédios da Universidade e mudamos para um edifício moderno, onde o Departamento de Comunicação e a Gráfica da UFRGS já se encontravam instalados. Externamente, a mudança foi um sucesso. Acostumados às escadarias, às sombrias salas de aula e à Biblioteca abarrotada, olhamos para as novas instalações com olhos de quem dá um salto para o futuro. Havia elevador, cheiro de móveis novos e de tinta fresca. As salas de aula eram amplas e coloridas, com paredes de tijolos expostos envernizados. Algumas das salas dispunham de portas dobráveis que permitiam abrigar ao mesmo tempo duas turmas de alunos, quando necessário. A Biblioteca era enorme, confortável e moderna, com luz entrando por todos os lados.

Mas, havia um descontentamento não ligado a questões técnicas ou acadêmicas. Tratava-se de um problema sentimental. A mudança abrupta tocou fundo nos sentimentos de algumas colegas, seus corações mudaram de ritmo e começaram a bater com menos alegria. Acontece que, acostumados a estudar na mesma Faculdade há mais de duas décadas as futuras bibliotecárias e os futuros economistas estavam sofrendo com a separação. O bar da faculdade perdeu a graça e, foi quando a tradicional taxa de casamentos entre as bibliotecárias e os economistas começou a declinar.

Tudo era novo, bonito e moderno, mas nós nos sentíamos um pouco perdidos e desorientados porque os hábitos adquiridos na velha e querida Faculdade de Ciências Econômicas, que permitiam que nós nos orientássemos sem nem precisar pensar, não nos valiam para quase nada no novo ambiente.

Por seu lado, os colegas do Departamento de Comunicação também deveriam estar se sentindo tão desorientados como nós, pois haviam deixado a Faculdade de Filosofia para trás. E, se já estavam desorientados antes, mais desorientados ainda devem ter ficado depois da nossa chegada, pois o prédio da Faculdade fora invadido por um bando de alunas, professoras e pessoal administrativo do sexo feminino! Inconscientemente, eles adotavam estratégias especiais para receber e tratar o grupo invasor. Dispunham de duas alternativas, ou assumiriam uma *estratégia de sucessão*, submetendo-se às regras ditadas pelas invasoras ou, adotariam uma *estratégia de subversão*, na qual assumiriam o papel dos que tudo podem fazer, porque nada têm a perder.

No amplo, claro e agradável bar da Fabico, as professoras e as alunas do Departamento de Biblioteconomia assistiram algumas das manifestações da estratégia adotada pelo grupo da Comunicação. Aliás, pagar por um cafezinho no bar era como pagar ingresso para assistir a um animado espetáculo. Maria Mazocatto, a nossa professora de Filosofia, era a minha companheira para assistir e comentar os acontecimentos. Admirávamos os encontros e os desencontros dos dois grupos. De um lado, estavam as estudantes do Departamento de Biblioteconomia, falando baixo, bem vestidas, bem penteadas e usando sapatos de saltos altos, elas entravam e saíam apressadas do bar para evitar qualquer chance de atentado. E, do outro lado, estavam os estudantes do Departamento de Comunicação, falando alto, gritando, escabelados, com a barba por fazer e usando sandálias e bermudas. Uma manhã, nós assistimos a uma cena mais insólita do que de costume. Uma das paredes do bar era pintada de verde fosco para receber o registro de avisos. Nesse dia, alguém havia desenhado com giz uma grande árvore, ocupando toda a extensão da parede. Dependurada nessa árvore havia uma fruta quase caindo do galho. A obra de arte era anônima, apresentava apenas um título: COMA

A FRUTA ANTES QUE ELA CAIA DA ÁRVORE. Uma das estudantes do Departamento de Biblioteconomia, sentindo-se alvo da brincadeira, saiu do bar chorando e levou o caso ao julgamento da Direção.

Sabe-se que as estratégias de subversão perturbam a ordem estabelecida pelo sistema acadêmico, por isso devem ser combatidas energicamente para impedir que se repitam. No caso do desenho da árvore, não sei o que a professora Zenaira Garcia Márquez, nossa Diretora naquela época, fez ou poderia ter feito. Se o desenho era anônimo, o melhor seria esquecer o fato. Talvez tenha sido essa a atitude tomada por ela.

Nos dois primeiros semestres em que participamos das atividades do Curso de Biblioteconomia, ele ainda estava instalado na Faculdade de Economia. Como não conhecíamos outra maneira de proceder, acreditamos que aquela era a maneira mais lógica, normal e única de fazer as coisas. Mas, como o hábito é um construto sempre em vias de reestruturação, depois que mudamos de endereço e começamos a conviver em condições objetivas novas, não encontramos outra alternativa se não mudar os hábitos que havíamos trazido conosco. Foi quando acabamos reconhecendo que, se quiséssemos apresentar respostas adequadas à nova situação, precisávamos substituir nossas antigas estratégias.

Hoje, fazendo um balanço geral dos acontecimentos, percebo que os que participaram do episódio da mudança de endereço da Faculdade saíram ganhando e tiraram um bom proveito da situação. Ao lado dos comunicadores nós nos tornamos mais comunicativos, não apenas em relação aos aspectos técnicos e profissionais, mas também quanto a nossa conduta pessoal. Os professores do Departamento de Comunicação começaram a ministrar aulas no Departamento de Biblioteconomia e isso enriqueceu o conteúdo programático do nosso Curso. Pessoalmente, fui fortemente influenciada pelas aulas e palestras do professor Marcello D'Azevedo e sua esposa.

Recordo de um fato que me tocou profundamente nessa ocasião. Foi quando comecei a descobrir que eu tinha aptidão para comunicar e trabalhar com o grande

público, o que me levou mais tarde a direcionar minha carreira profissional para esse campo.

O fato ocorreu quando fui eleita pelos colegas para representar o Departamento de Biblioteconomia no Conselho Universitário. Outro estudante também foi eleito por seus colegas para representar o Departamento de Comunicação. A Diretora nos apresentou um ao outro e, quando chegou o dia da primeira reunião, lá fomos nós a pé para o prédio da Reitoria. Formávamos um par absolutamente contraditório: eu de sapatos de saltos altos e ele, de bermuda e sandálias. No início, a nossa comunicação não foi das melhores, não apenas pela disparidade da nossa indumentária, mas também pela língua que falávamos. Mas, o trecho a percorrer era longo, e tivemos tempo de sobra para nivelar o nosso linguajar. Esforcei-me para compreender a gíria que ele usava, inclusive tentei usar algumas de suas palavras. E ele, apesar de muito jovem, demonstrou uma paciência que nem um senhor idoso teria para suportar o meu andar sobre saltos e o meu estilo de diálogo, professoral demais para o seu gosto. Mas, quando sentamos no salão de reuniões do Conselho Universitário, já nos sentíamos quase amigos, nos entendíamos tão bem que ele até permitiu que eu “traduzisse” algumas das suas palavras, quando os outros não compreenderam o que ele queria dizer. Moral da história: naquele momento, nós dois descobrimos que a tolerância é mágica, e que ela é a responsável pela orquestração dos relacionamentos.

Acredito que minhas colegas e eu fizemos a opção certa e que entramos na Biblioteconomia no momento exato. Tenho orgulho de haver participado do grupo dos trinta e três formandos que aparecem na fotografia porque, graças ao ensino de alta qualidade que recebemos e ao nosso empenho, nós estamos ocupando ou já ocupamos cargos de destaque no País e no exterior; ajudamos a criar outras faculdades de biblioteconomia; fomos professores; pesquisadores e autores de livros e outros documentos; ocupamos cargos de liderança profissional, e prestamos consultorias no Brasil e no exterior. Em fim, podemos dizer com certeza, que vencemos graças à nossa profissão!



Bacharelandos em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Ufrgs. Colação de grau em 5 de dezembro de 1973.

1. Altair Salete Zanotelli, 2. Amélia Silveira, 3. Anna Francisca Martinez Passos, 4. Beatriz Brum, 5. Célia Santos de Couto, 6. Clarice Salerno Wilkens, 7. Dora Regina C. Aveiro, 8. Eloísa Franzen, 9. Eunice Gehlen Krieger, 10. Guacira de Lima Abreu, 11. Helen Beatriz d'Aló Frota, 12. Helena Freitas Bergmann, 13. Heloísa Kroeff Andara, 14. Ieda Weismann, 15. Juliana Zart, 16. Lecy Mandagará dos Santos, 17. Leyla Kremer Pinto, 18. Manoel Fröhlich Henrique, 19. Maria da Graça Germani, 20. Maria Luiza Albanus, 21. Maria Noelci Homero, 22. Maribel de Campos Garcia, 23. Marlene Haas, 24. Nina Rosa Bopp, 25. Sonia Maria Chagas, 26. Susana Valle de Curtis, 27. Suzana Sperry, 28. Ulda Maria Justo Pauleto, 29. Vera Regina Danos, 30. Vera Dutra, 31. Vera Lobato, 32. Vera Maria Porcelo.

Dados sobre a autora

Suzana Sperry, concluiu o Curso de Biblioteconomia em dezembro de 1973. Foi Bibliotecária da Ufrgs de 1974-1975. Entre 1975-1979, atuou como professora fundadora do Curso de Biblioteconomia da Furg. De 1979 a 1990, foi Documentalista da Embrapa. De 1990 a 2001, passou a pesquisadora da Embrapa, coordenando projetos de pesquisa sobre a organização de pequenos produtores rurais. Entre 2000 e 2003, foi professora dos Cursos de Agronomia, Zootecnia e Veterinária, em duas universidades do Distrito Federal.

Fez o primeiro curso de pós-graduação na *Université des Sciences Sociales de Grenoble*, na França; Mestrado em Sociologia Rural, na Ufrgs e, cursos de especialização profissional no Centre National pour les Régions Chaudes, na França e no Centro de Estudios Regionales Urbano Rurales, em Israel.

Foi Secretária Geral da ARB e Diretora da Editora da ABDF. Foi Vice-Presidente da FEBAB. Representou a Região Sul do Brasil na AIBDA, em San José, Costa Rica e, posteriormente, foi Vice-Presidente e Presidente da Instituição.

Teve o resultado de seus estudos e pesquisas editados em livros e artigos de periódicas e divulgados em congressos, realizados no Brasil e no exterior.

FABICO

Tânia Almeida

Março de 1987, a entrada na Fabico. Agosto de 1994, 7 anos depois, a formatura em Relações Públicas. Setembro de 1997, Sofia Perseu, o segundo parto (o primeiro foi a monografia) desta vez de um bebê em parceria com outro Fabicano, Marcelo Perseu, formado em Publicidade e Propaganda. Agosto de 2004, o início da docência na Fabico, quando completava 10 anos de formatura. Começar a trajetória como professora na Universidade em que me graduei é começar com o pé direito. Março de 2006, o início do mestrado no PPGCOM/Fabico. Março de 2009, o bicampeonato como professora substituta e a felicidade de escrever esta breve história.

Ainda na graduação Marcelo Perseu, Adriano Silva (fabicano do curso de PP) e eu fundamos a agência Nós & Ele responsável pela primeira campanha interna de incentivo à doação de órgãos na UFRGS. Criamos e produzimos a campanha que trouxe, em parceria com a FAMED, o cardiologista Eurípedes de Jesus Zerbini, pioneiro no transplante de coração no país, para uma palestra no salão de atos da Universidade.

A agência foi premiada com o terceiro lugar num concurso nacional promovido pela Revista Propaganda, salvo engano em 1990. A campanha era de caráter institucional e focada na promoção da imagem da Nós & Ele. As fotos foram produzidas pelo professor Wallace no estúdio de TV da Fabico. Graças a ele - que aceitou fazer as fotos em tempo recorde - foi possível inscrever a campanha.

A Nós & Ele não foi a única experiência empreendedora na Fabico. Ainda em 1987, eu e outros colegas fabicanos criamos uma espécie de confraria à época chamada GPP, Grupo Ponto de Partida. Produzíamos eventos culturais na Universidade, festas, intervenções artísticas e tudo o que a energia de jovens estudantes de comunicação permitisse. Havia uma efervescência no ambiente que se traduziu inclusive em manifestações teatrais a exemplo da peça ‘Filhos da Mãe’, dirigida pelo já falecido ator e diretor de teatro Guto Greco. A peça foi escrita, produzida e interpretada pelos próprios alunos de uma disciplina ministrada por ele, mas cujo nome agora certamente não lembro. Lotamos o teatro da Assembleia Legislativa e o Renascença. Depois de

‘Filhos da Mãe’, veio ‘Marli Mocréia’ também feita por fabicanos com direção de Guto Greco.

A exposição com o acervo da primeira agência de Publicidade e Propaganda do Rio Grande do Sul, a Star, de Artur do Canto, é também outra experiência acadêmica que – mesmo sendo um trabalho ligado a uma disciplina – fizemos questão – Ilza do Canto, André Froes e eu – de que fosse algo com padrão profissional. A iniciativa contou com apoio, além de outras empresas, da agência Escala que criou e produziu os materiais de divulgação. No foyer da Casa de Cultura Mário Quintana, abrimos a exposição ao público.

A Fabico não foi apenas o lugar onde me graduei. Foi a oportunidade de encontrar pessoas que até hoje caminham comigo. Uns mais perto, outros mais longe. Já temos filhos que se fizeram amigos e que continuam nosso afeto. Sem falar na alegria de ter como colegas de docência os professores à época da graduação (Ilza Girardi, Maria Helena Weber, Ricardo Schneiders, Karla Müller, Wladimir Ungaretti, Enoí Liedke, Rosa Nívea) e os colegas de aula (Alexandre Rocha, Ana Taís, Betina Rupp, Maria Berenice). A seguir alguns registros de aula com os alunos durante o primeiro contrato como professora substituta na Fabico (2004 a 2006).



**Trabalho da disciplina de
Assessoria Empresarial**



**Alguns alunos da disciplina de Assessoria
Empresarial**

MEMÓRIAS DA ARQUIVOLOGIA FABICANA

Vinícius Mitto Navarro¹

Estudos e Realização

Há muitos anos, o então Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desejava a criação da graduação em Arquivologia, porém para a constituição do referido curso, entraves burocráticos dificultavam este intento. Os estudos acerca do tema datam de 1985, quando foi delegada competência à professora Ida Regina Chittó Stumpf, por decisão da chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (BERWANGER, 1993).

Neste ínterim, foram realizados estudos prévios, análises dos currículos e contato com os docentes das graduações da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, por ocasião do VI Congresso Brasileiro de Arquivologia, na cidade do Rio de Janeiro de 13 a 18 de Abril de 1986 (BERWANGER, 1993).

Todo este cabedal teórico proporcionou um pré-projeto para a graduação em Arquivologia que, porém, por motivos de caráter administrativo, foi arquivado. Alguns anos depois, novamente o tema volta a interessar o Departamento de Biblioteconomia e Documentação.

Mais recentemente, em reunião do Colegiado do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, datada de 18 de junho de 1990, o então Diretor do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e Professor do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, Carlos Aléssio Rossato, a convite da Professora Lourdes Gregol Fagundes da Silva, fez uma explanação sobre o Curso daquela Universidade, o que propiciou a discussão da viabilidade de retomar os estudos sobre a criação do mesmo, na UFRGS. (BERWANGER, 1993, p.24)

¹ Bacharel em Arquivologia (UFRGS), com registro de Arquivista DRT/RS 1594, Pós-Graduando em Gestão em Arquivos (UFSM), Analista de Arquivo do Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada CEITEC S.A. vinicius.mitto@gmail.com

Através de uma portaria do referido Departamento, datada do ano de 1990, foi designada uma comissão para dar continuidade aos trabalhos já iniciados, sendo composta pelas professoras Jussara Pereira do Santos, Glória Isabel Sattamani Ferreira, sob a presidência da também professora, June Magda Rosa Scharnberg. Com estudos adiantados, no primeiro semestre de 1992 sob a Portaria nº. 09/92, do mesmo Departamento, a professora Ana Regina Berwanger, recém transferida da Universidade Federal de Santa Maria, assume a Coordenação dos Estudos Conclusivos de Implantação do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BERWANGER, 1993).

A partir de então, foi desenvolvido o projeto pedagógico da graduação em Arquivologia, tendo como base os cursos existentes a época, no Brasil e no exterior, fundamentando-se na literatura arquivística e nas ciências correlatas a formação do arquivista, sempre percebendo as necessidades regionais e recursos humanos existentes.

Cabe-se salientar a participação dos professores Júlia Belesse da Silva Lins e Luiz Cléber Gak da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, bem como do então professor da Universidade Federal de Santa Maria, Jorge Eduardo Enriquez Vivar, auxiliando na elaboração do projeto de implantação da graduação em Arquivologia (BERWANGER, 1993).

O processo administrativo nº. 23078.000398/95-75, que gerou a criação da graduação em Arquivologia, apresenta importantes subsídios para a análise de sua implantação. Protocolado em 05 de Janeiro de 1995, o documento possui a página número 096, a Resolução nº. 07/95, deliberada pelo Conselho de Coordenação Ensino e Pesquisa, que “resolve enquadrar o curso de graduação em Arquivologia na área fundamental abrangida pela Câmara de Filosofia e Ciências do Homem”, tendo como relator o professor Adolar Koch.

A referida Câmara, “nos usos de suas atribuições estatutárias e regimentais”, aprovou a partir da Resolução nº. 21/95, trinta vagas para os Concursos Vestibulares em Arquivologia, advindos do curso de Ciências Sociais.

Os pesos das provas do Concurso Vestibular para a Arquivologia foram definidos a partir dos mesmos atribuídos à Biblioteconomia, conforme apresenta o Ofício nº. 118/99 da

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e da Decisão nº. 79/99 da Câmara de Graduação, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

A partir da aprovação das diretrizes curriculares para a implantação da graduação, por meio do Parecer nº. 20/99, da Comissão de Diretrizes do Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo como relator o professor Luis Carlos de Oliveira Fernandes, o processo foi encaminhando para análise no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Em reunião do Conselho, datada do dia 23 de Julho de 1999 e sob a relatoria da professora Merion Campos Bordas, a plenária manifestou-se “no sentido da aprovação e autorização de funcionamento do Curso de Graduação em Arquivologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, com início no primeiro semestre de 2000”.

Após toda a tramitação administrativa, o Conselho Universitário, instância máxima da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a presidência da então Reitora, professora Wrana Maria Panizzi, em 30 de Julho de 1999, a partir da Decisão nº. 112/99, definiu “aprovar e autorizar o funcionamento do Curso de Graduação em Arquivologia”.

Uma década formando arquivistas

Após a criação da graduação em Arquivologia em 30 de julho de 1999, a primeira turma de alunos entrou advinda do concurso vestibular. A aula inaugural do Curso de Arquivologia ficou a cargo da arquivista Astréa de Moraes e Castro, ocorrendo nos primeiros dias de Março de 2000. O reconhecimento do curso, por parte do Ministério da Educação deu-se pela Portaria nº 2881 de 13 de Setembro de 2004, publicada no Diário Oficial da União em 16 de Setembro do mesmo ano.

Vários foram os projetos acadêmicos que ocorreram nestes dez anos de existência, como o I Seminário de Arquivologia sobre Tipologia Documental ministrado pela professora da Universidade de São Paulo, Heloísa Liberelli Bellotto, em Novembro de 2002, bem como o II Seminário de Arquivologia, sobre Conservação Preventiva de Documentos, lecionado pela Museóloga Ingrid Beck, de 30 Julho a 02 de Agosto de 2003.

Em 27 de Agosto de 2005, realizou-se na Estação Experimental Agronômica da UFRGS, em Eldorado do Sul, o Seminário O Perfil do Arquivista na Contemporaneidade:

Novas Perspectivas Curriculares, com a presença da professora da Universidade Federal da Bahia, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos Santos. Nos dias 16 e 17 de Novembro de 2009, ocorreu na FABICO, o Seminário Sobre Arquivos Públicos Alemães, ministrado pelo professor emérito da Universidade Duisburg-Essen, Rolf Nagel.

O Curso de Arquivologia, por intermédio do professor Rafael Port da Rocha, teve vital participação na organização do II Congresso Nacional de Arquivologia (II CNA). Promovido pela Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul, o II CNA, ocorreu de 23 a 27 de Julho de 2006, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, que por meio de projeto enviado e aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, teve a disposição verbas para transporte e hospedagem dos palestrantes do evento.

Em 20 de Outubro de 2009, na passagem do Dia do Arquivista e com a presença do Vice-Reitor professor Rui Vicente Opperman, comemorou-se, em cerimônia no auditório da FABICO, os dez anos criação da Arquivologia. Com a presença de egressos, estudantes, docentes de Arquivologia de outras instituições de ensino superior, autoridades acadêmicas e da administração pública, prestou-se homenagem aos artífices da criação do curso e em especial a professora Lourdes Gregol Fagundes da Silva.

REFERÊNCIAS

BERWANGER, Ana Regina. **Curso de graduação em arquivologia**: projeto de implantação. Porto Alegre: Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

NAVARRO, Vinicius Mitto. **A formação em arquivologia na cidade de Porto Alegre**: dos cursos livres à graduação universitária. 2008. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Bacharel em Arquivologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.



Centro Acadêmico de Arquivologia - CABAM